

**MIGRAÇÃO ESTRANGEIRA E A QUESTÃO DA OFERTA
DE MÃO-DE-OBRA NO CRESCIMENTO ECONÔMICO
BRASILEIRO — 1880-1930**

Douglas H. Graham

INTRODUÇÃO

O papel da imigração internacional no crescimento econômico tem sido amplamente estudado na Europa, Estados Unidos e em outros países de língua inglesa. Os trabalhos de Jerome, Thomas, Kuznets, Easterlin, entre outros, contribuíram significativamente para a análise da importância relativa dos vários fatores de atração e impulso que geraram as principais correntes de imigração intercontinental no período anterior à Primeira Guerra Mundial, e da importância quantitativa e inter-relação desses fluxos migratórios com respeito a mudanças dos níveis da atividade econômica nos Estados

O autor deseja agradecer, em particular, a José Roberto Mendonça de Barros pela inestimável ajuda e sugestões para o esquema e conteúdo deste artigo. Também quer agradecer a Simon Kuznets, Guilherme L. Silva Dias, Miguel Broda, Annibal Villela, David Denslow e Antonio Alcides da Silva Fonseca por muitas idéias e sugestões. O último, juntamente com Rosa Tobias, Alexandre Pires Meyer e Denise Cavallini, merecem atenção por fornecerem uma paciente assistência nas computações. Todos os erros e falhas existentes são de plena responsabilidade do autor.

Unidos.⁽¹⁾ Por exemplo, um importante achado oriundo desses estudos foi a descoberta dos ciclos de Kuznets (de duração de 15 a 20 anos) no comportamento da economia americana, e o importante papel da imigração intercontinental em gerar e reforçar esse padrão cíclico da atividade econômica.⁽²⁾

Em contraste com isso, o papel da migração intercontinental no padrão do crescimento econômico de países em desenvolvimento, como o Brasil apesar de sua importância vastamente reconhecida, tem sido bem menos estudado. Isso é devido, de uma parte, à aparente falta de dados e, de outra, ao pressentimento de que o crescimento econômico mais significativo, especialmente no setor industrial, somente ocorreu muitas décadas após as principais ondas de imigrantes terem chegado a esses países. Portanto, o impacto e a importância da imigração no crescimento econômico foi subestimado. Pesquisas recentes, no entanto, corrigiram essa impressão errônea com respeito ao Brasil. Uma significativa expansão econômica e, mesmo, um princípio de industrialização internacional no Brasil, longe de serem ideais, permitem, no entanto, relacionar-se as variáveis econômicas e demográficas de tal maneira que se possa tentar várias hipóteses relativas à natureza e significância da imigração internacional no crescimento econômico inicial do país. Uma das hipóteses mais importantes que será testada nesse artigo é a de que os fluxos de imigração internacional para o Brasil foram

-
1. Por exemplo, ver Simon Kuznets, "The Contribution of Immigration to the Growth of the Labor Force," reimpresso em **The Reinterpretation of American Economic History**, dirigido por R. Fogel e S. Engerman, Harper and Row, 1971; Simon Kuznets, e Ernest Rubin, **Immigration and the Foreign Born Occasional Paper 46**, NBER, N.Y., 1964; Harry Jerome, **Migration and Business Cycles**, NBER, N.Y. 1926; Richard Easterlin, "Influences in European Overseas Emigration Before World War I," **Economic Development and Cultural Change**, 9, Abril 1961, reimpresso em Fogel e S. Engerman, *op.cit*, e **Population Labor Force and Long Swings in Economic Growth**, NBER, N.Y. 1968; e finalmente Brinley Thomas, **Migration and Economic Growth**, Cambridge, University Press, 1954.
 2. Simon Kuznets, "Long Swings in the Growth of Population and in Related Economic Variables," **Proceedings of the American Philosophical Society** 102, (Fevereiro 1958); reimpresso em Simon Kuznets, **Economic Growth and Structure: Selected Essays**, W.W. Norton, New York, 1965.

significativamente afetados pelas mudanças nas atividades econômicas na Itália e em países que concorriam com respeito ao destino dos imigrantes, tais como Estados Unidos, e Argentina, bem como pelo padrão das flutuações econômicas no próprio Brasil. Depois disso, será investigado o papel desses imigrantes nas etapas iniciais do crescimento econômico brasileiro.

A primeira parte desse artigo apresenta os dados básicos de imigração internacional para os Estados Unidos, Argentina e Brasil no período de 1880 a 1930. Em primeiro lugar serão discutidas as tendências a longo prazo e, a partir daí, as formas que tomaram as imigrações para esses países. Em seguida serão apresentadas indicações sobre as mudanças nos níveis de atividade econômica nos países relevantes, mostrando como o incremento da produção brasileira de café na década de 1890 e sua depressão no começo do século tiveram uma notável coincidência com um comportamento inverso das economias dos Estados Unidos, Argentina e Itália. A terceira seção analisa essa relação inversa em maior detalhe, numa tentativa de estabelecer-se a significância das diversas variáveis nesse comportamento ao longo do tempo. A quarta parte conclui o estudo discutindo até que ponto a imigração internacional foi crucial para a primeira onda importante de crescimento industrial no Brasil, antes da Primeira Guerra Mundial, através de seus impactos sobre economias de escala, diferenças na qualificação da força de trabalho, e poupança de recursos. Finalmente, serão feitas algumas generalizações relativas com o impacto sobre diferenças de bem-estar originadas de efeitos macroeconômicos da imigração internacional para o Brasil durante esse período.

I.

Ao examinarmos a migração estrangeira para o Brasil no fim do século dezenove e começo do vinte, devemos nos referir a situação de Argentina e Estados Unidos, que eram as principais áreas concorrentes para o destino dos emigrantes italianos e de outros países do sul da Europa nesse período. Dado o fato de que os três países possuíam economias abertas, participando da rede crescentemente especializada do comércio internacional, e possuíam uma política relativamente liberal no que concerne à imigração internacional, a transferência de capital e, nesse caso, de mão-de-obra era claramente condicionada pelas condições econômicas nesses países, assim como na Europa. Essa inter-relação entre os diferentes volu-

mes de oferta de trabalho estrangeiro para os países do Novo Mundo que mais recebiam migrantes nunca recebem muita atenção, por razões óbvias, na literatura americana especializada em imigração. Como pode ser notado na tabela 1 o fluxo de trabalhadores europeus, durante esse período, se destinou predominantemente para os Estados Unidos, constituindo, em muitos anos, uma esmagadora percentagem de migração total de mão-de-obra estrangeira para o Novo Mundo. Em vista disso, não constitui surpresa o fato da literatura especializada analisar o fluxo de mão-de-obra para os Estados Unidos ignorando, em geral, o movimento simultâneo para outros países, tais como Argentina ou Brasil, pois o volume deste, sendo consideravelmente menor, dificilmente teria exercido algum impacto sobre a oferta de trabalho que entrava nos Estados Unidos. Em poucas palavras, esses países não eram considerados concorrentes sérios ao ponto de afetar a oferta de imigração para os Estados Unidos.

No entanto, do ponto de vista desses outros países, a situação é bem diferente. Dada suas participações relativas bem menores no fluxo intercontinental de trabalhadores europeus, qualquer mudança nas condições econômicas do principal país concorrente no destino dos migrantes (i.e. os Estados Unidos) poderia claramente provocar fortes efeitos, seja liberando ou absorvendo uma alta proporção da oferta potencial de força de trabalho internacional que poderia se destinar a esses países. É instrutivo considerar essa perspectiva ao discutirmos o fluxo de imigração para o Brasil.

As estatísticas de migração estrangeira para o Brasil durante esse período podem ser analisadas tanto em termos de suas tendências a longo prazo como através da maneira em que essas tendências estão associadas com as de outros países do Novo Mundo que receberam considerável número de migrantes. Idealmente, ao estudar-se o impacto permanente da migração ao longo do tempo, deveria-se considerar o saldo migratório; no entanto, dada a falta de dados consistentes e seguros sobre emigração para fora do Brasil nesse período, usaremos apenas dados brutos de imigração. Para um estudo a longo prazo, isso é aceitável, pois ambas as séries se movem na mesma direção. A tabela 1 apresenta as tendências a longo prazo da imigração bruta para os Estados Unidos, Argentina e Brasil, manipuladas pelo método de médias móveis de cinco anos com o objetivo de suavizar a irregularidade das flutuações anuais.

TABELA 1
IMIGRAÇÃO BRUTA ANUAL PARA OS
ESTADOS UNIDOS, ARGENTINA E BRASIL
1876-1930
(média móvel de 5 anos)

Ano	ESTADOS UNIDOS	ARGENTINA	BRASIL
1876	198.230	22.367	22.594
1877	171.127	30.776	23.044
1878	217.079	22.438	26.789
1879	316.968	25.818	22.887
1880	446.395	31.091	22.520
1881	539.366	36.861	23.766
1882	607.519	40.242	24.306
1883	595.137	51.037	25.449
1884	528.091	57.882	29.935
1885	468.314	68.595	35.688
1886	457.028	83.924	56.606
1887	442.195	117.748	64.818
1888	454.186	117.187	79.224
1889	499.409	109.710	115.879
1890	517.320	98.783	121.927
1891	495.888	83.373	122.238
1892	464.129	50.368	121.245
1893	424.776	47.250	133.274
1894	381.365	62.132	121.548
1895	311.599	68.734	133.580
1896	269.513	71.745	122.241
1897	274.730	77.690	120.970
1898	312.737	82.415	95.506
1899	341.667	79.906	80.941
1900	425.249	76.908	62.110
1901	550.799	78.528	53.300
1902	651.030	86.753	51.607
1903	766.815	105.206	57.606
1904	889.179	137.688	55.279
1905	1.016.500	167.911	56.549
1906	1.001.685	204.007	68.676
1907	989.448	225.110	76.525
1908	992.462	247.615	80.179
1909	948.032	242.262	92.638
1910	858.597	265.122	116.964

(Cont.)

TABELA 1
(cont.)

Ano	ESTADOS UNIDOS	ARGENTINA	BRASIL
1911	941.601	274.389	136.561
1912	1.034.940	251.237	135.944
1913	891.862	201.367	124.722
1914	776.014	163.810	104.329
1915	667.460	102.742	75.170
1916	450.005	45.073	40.095
1917	234.536	30.269	31.160
1918	255.196	38.617	38.924
1919	356.476	51.634	44.292
1920	359.307	73.876	51.447
1921	441.767	110.147	64.683
1922	554.920	133.877	76.728
1923	527.783	141.543	79.500
1924	427.635	148.928	91.645
1925	432.758	155.385	98.565
1926	389.626	143.846	97.641
1927	304.182	139.875	98.101
1928	293.659	137.940	95.008
1929	252.189	122.204	76.506
1930	192.270	96.148	59.177

FONTES:

- 1) **Historical Statistics of the United States, Colonial Times to 1957**, U.S. Department of Commerce, Washington D.C., pg. 56-59.
- 2) **Revista de Imigração e Colonização**, Ano I, n.º 4, Outubro de 1940.
- 3) **Dirección Nacional de Migraciones, Memorias Anuales**, Buenos Aires.

Examinando primeiramente os dados sobre o Brasil, três movimentos se destacam mais claramente entre 1880 a 1930. O primeiro cobre o período do começo da década de 1880 até aproximadamente 1895-7, dentro do qual o período 1888-1897 se distingue como o primeiro movimento importante de ascensão e manutenção de um alto nível de imigração bruta, que atinge, em meados da década de 1890, um volume cinco vezes maior do que o do início da década de 1880. Essa foi a época de grande expansão do setor cafeeiro, quando os

imigrantes italianos se estabeleceram como colonos nas novas fazendas de café na região que era, então, a fronteira oeste do Estado de São Paulo.

A segunda fase vai de 1898 a 1913, na qual os primeiros oito anos foram caracterizados por uma depressão no mercado mundial do café e, conseqüentemente, por um marcante declínio na imigração; e, nos últimos anos, houve o segundo movimento ascendente importante de imigração para o Brasil. Um aspecto que se salienta nesse período é que mesmo nos anos de maior depressão (1901-1905), os fluxos migratórios, em termos brutos, foram mais do que o dobro daqueles registrados no início da década de 1890. Portanto, a despeito dos preços do mercado cafeeiro estarem em declínio, havia, aparentemente um efeito estabilizador suficientemente alto que permitia que o baixo nível migratório bruto fosse consideravelmente maior do que aquele registrado na época de menor imigração no período anterior. Havia porém uma emigração considerável para fora durante este período, portanto, não devemos superestimar a importância do fluxo bruto. Dados sobre migração líquida neste período certamente seriam bastante inferiores. Nos anos de maior migração, os fluxos brutos atingiram níveis comparáveis com os de meados da década de 1890, sem contudo durar tanto. O número de anos com alto nível migratório de 1910 a 1913, foi aproximadamente a metade do número de anos com alto nível na década de 1890.

Como ficará evidente ao longo de nossa análise, o movimento migratório ascendente no período 1906-1914 foi apoiado não apenas pela recuperação dos preços e expansão das terras produtoras de café, absorvendo mão-de-obra, mas também por um significativo aumento no ritmo do crescimento industrial, somente interrompido pela Primeira Guerra Mundial. Uma questão interessante surge daí: até que ponto o crescimento da economia e da imigração poderia se manter, e exceder a duração do movimento ascendente da década de 1890, se as forças exógenas da guerra não tivessem intervido no sentido de cortar esse curto processo?

A terceira fase ou ciclo da imigração internacional para o Brasil abrange os anos de 1914 a 1926/8, com os anos de guerra de 1914 a 1918 constituindo a época de baixa, e a década de 1920-1926/8 representando o último movimento de ascensão durante esses cinquenta anos. Esse último movimento de alta imigração anterior ao período contemporâneo

foi diretamente associado com o grande aumento especulativo no setor cafeeiro que levou à crise de superprodução no começo da década de trinta. É importante notar que os anos de mais alta imigração (1924-28) não alcançaram os níveis dos dois movimentos anteriores de alta, além de ter sido de menor duração. Em parte, isso deveu-se ao fato de que o “boom” cafeeiro não foi reforçado por um crescimento industrial, como acontecera no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Esse crescimento só veio a acontecer na década de trinta, e foi então sustentado pela migração interna em vez da internacional.

Resumindo, houve três ciclos mais importantes de imigração internacional para o Brasil entre 1880 a 1930. Esses ciclos são bem uniformes e identificáveis na tabela 1. Se tomarmos como pontos de referência os anos de mais alta imigração (1893-5, 1911-12, 1927-28), cada ciclo teve uma duração média e uniforme de 16 a 17 anos. Para a Argentina, os anos de apogeu imigratório foram 1887-88, 1911 e 1925, em ciclos de duração mais irregulares, variando de 14 a 23 anos. Para os Estados Unidos, os anos de apogeu geraram ciclos que variaram de 10 a 20 anos de duração. Todos esses três movimentos de ascensão no Brasil foram associados a um crescimento na opulência do setor cafeeiro, uma atividade altamente absorvente de mão-de-obra; no entanto, o segundo ciclo foi também significativamente associado com um dos primeiros períodos sustentáveis de desenvolvimento industrial no primitivo crescimento econômico brasileiro. Teremos ocasião de discutir melhor sobre essa coincidência na seção final desse artigo.

Nesse ponto é necessário investigar a inter-relação entre os comportamentos imigratórios para esses países, visto que este padrão sistemático que emerge entre eles implica que as flutuações econômicas de um país não afetam somente a procura pelas exportações de outro, mas também a oferta de mão-de-obra. Nosso interesse aqui é de estabelecer se tal inter-relação existe com o Brasil, bem como sua provável importância sobre o crescimento econômico do país.

A tabela 2 nos fornece as épocas de maior ascendência e de maior declínio na imigração bruta para os três países em questão durante o período analisado. Podemos notar que o comportamento que mais chama nossa atenção é a associação que houve entre o período de alta imigração para o Brasil e o de depressão migratória para a Argentina e os Estados Unidos na década de 1890, e o padrão inverso entre

os períodos de baixo fluxo migratório para o Brasil, nos primeiros sete anos do século vinte, inversamente relacionado com movimentos de aumento migratório para os outros dois países nessa mesma época. Resumindo, de cerca de 1888 até 1908, o padrão imigratório para esses três países sugere que a Argentina e os Estados Unidos tiveram ciclos de baixos e altos fluxos semelhantes, enquanto o Brasil, em contraste, sofreu um padrão inverso ao dos dois países concorrentes na imigração internacional.

TABELA 2

**OS PADRÕES DE IMIGRAÇÃO BRUTA PARA OS
ESTADOS UNIDOS, ARGENTINA E BRASIL
1870-1930**

Países	Principais Movimentos Ascendentes e Períodos de Maior Imigração	Principais Movimentos Descendentes e Períodos de Menor Imigração
Brasil	1885 — 1895/7 1906 — 1912/3 1920/1 — 1926/8	1876 — 1884 1898 — 1905 1924 — 1917/19 1929 —
Argentina	1876/8 — 1887/9 1897/00 — 1910/12 1920 — 1925/8	1876 — 1882 1890/1 — 1894/6 1913/4 — 1917/9 1929 —
Estados Unidos	1877 — 1889/91 1899 — 1911/13 1919 — 1922/23	1892 — 1897/98 1914 — 1917/18 1924 —

Fonte: Derivada da tabela 1.

De 1908 em diante, os três países seguiram ciclos semelhantes de altas e baixas, sendo que a única diferença importante foi a continuação do fluxo migratório para a Argentina e Brasil nos anos anteriores à Grande Depressão, enquanto o movimento ascendente para os Estados Unidos parou em 1922-23, quando foi imposto o primeiro sistema de quotas restritivas para a imigração em 1924. Se não houvesse essa

restrição legislativa, o padrão imigratório para os Estados Unidos teria claramente acompanhado o comportamento dos outros dois países, com um movimento comum continuando até a Grande Depressão.

É importante notar aqui que, dos três principais movimentos ascendentes e de máxima imigração para o Brasil, dois deles (1885 — 1895/7 e 1920/1 — 1926/8) ocorreram quando o principal concorrente para a imigração européia, os Estados Unidos, estavam sofrendo um movimento descendente ou de baixa imigração (no primeiro período devido à depressão econômica, e no segundo devido à restrição de quotas). Outro ponto de interesse é notar como o período 1906-1913 se distingue como aquele de mais intensa imigração intercontinental durante o século passado. Em parte, isso ocorreu devido ao fato de que essa foi a única época na qual os três principais países (juntamente com o Canadá), no que diz respeito ao volume de imigrantes no Novo Mundo, experimentaram uma alta taxa de crescimento econômico simultaneamente e, como consequência, aumentos simultâneos no recebimento de fluxos de imigrantes europeus. É evidente que a Primeira Guerra Mundial interrompeu o movimento mais extensivo e difundido de transferência intercontinental de mão-de-obra em épocas recentes. Como indica a tabela 1, o nível desse fluxo bruto para o Novo Mundo, durante esse período, variou de um a um e meio milhão de imigrantes.

Voltando agora ao comportamento no tempo de imigração bruta para o Brasil, devemos investigar a importância desses movimentos em termos da participação relativa brasileira no fluxo total de imigrantes para os três países. A quantidade total de imigração para os três países considerados pode ser tomada, até certo ponto, como uma primeira aproximação aceitável do fluxo total de imigrantes para o Hemisfério Ocidental como um todo, pois esses três países, juntamente com o Canadá, se salientaram como os principais pontos de destino para os imigrantes europeus.

A tabela 3 apresenta a participação relativa de cada país no total. Diversos aspectos se sobressaem aqui. Primeiro, o papel dominante dos Estados Unidos é realçado. Durante toda essa época, o fluxo para os Estados Unidos foi sempre mais da metade e, em alguns anos, cerca de noventa por cento do total de imigrantes para os três países. Em segundo lugar, com exceção da década de 1890, o Brasil se colocou atrás tanto dos Estados Unidos como da Argentina. Em terceiro, o comportamento cíclico inverso da imigração brasi-

leira é claramente visível e se mostra de fato, bem significativa. Na primeira metade da década de 1880, a participação relativa do Brasil é mínima, sendo que, em meados dessa década, era apenas metade da participação Argentina. Na década de 1890, no entanto, é aparente que tanto o Brasil como a Argentina ganharam imigrantes às custas do declínio do fluxo para os Estados Unidos, mas com a participação relativa do Brasil tendo crescido bem mais rápida e significativamente que a da Argentina até 1898. Em alguns anos, o fluxo para o Brasil atingiu um quarto do total para os três países, um resultado considerável se levarmos em conta a população relativa desses países e, mais ainda, que a maior parte dessa imigração se concentrava em um Estado, o de São Paulo. Depois desse período, e até 1910, a participação relativa do Brasil caiu drasticamente, enquanto as da Argentina e dos Estados Unidos aumentaram significativamente. Em nenhum período subsequente o Brasil obteve as porcentagens alcançadas na década de 1890; no entanto, no último período de alta (1924-1928), tanto Brasil como Argentina claramente ganharam como resultado do declínio da imigração para os Estados Unidos, conseqüente das restrições das quotas americanas.

TABELA 3
DISTRIBUIÇÃO RELATIVA DA IMIGRAÇÃO BRUTA
PARA OS ESTADOS UNIDOS, ARGENTINA E BRASIL
1876 - 1930
(média móvel de 5 anos)

ANO	Total	Estados Unidos	Argentina	Brasil
		%	%	%
1876	243.191	81,51	9,20	9,29
1877	214.947	79,61	9,67	10,72
1878	266.306	81,51	8,43	10,06
1879	365.673	86,68	7,06	6,26
1880	500.006	89,28	6,22	4,50
1881	599.993	89,90	6,14	3,96
1882	672.067	90,39	5,99	3,62
1883	671.623	88,61	7,60	3,79
1884	615.908	85,74	9,40	4,86
1885	572.597	81,79	11,98	6,23
1886	597.558	76,49	14,04	9,47
1887	624.761	70,78	18,85	10,37
1888	650.697	69,80	18,02	12,18

(cont.)

ANO	Total	Estados Unidos %	Argentina %	Brasil %
1889	724.997	68,89	15,13	15,98
1890	738.030	70,10	13,38	16,52
1891	701.499	70,69	11,88	17,43
1892	635.942	72,98	7,95	19,07
1893	605.000	70,17	7,81	22,02
1894	565.045	67,49	11,00	21,51
1895	513.912	60,64	13,37	25,99
1896	463.499	58,15	15,48	26,37
1897	473.390	58,04	16,41	25,55
1898	490.658	63,74	16,80	19,46
1899	502.513	67,99	15,90	16,11
1900	564.267	75,36	13,63	11,01
1901	682.627	80,69	11,50	7,81
1902	789.390	82,47	10,99	6,54
1903	929.627	82,48	11,32	6,20
1904	1.082.146	82,17	12,72	5,11
1905	1.240.959	81,91	13,53	4,56
1906	1.274.348	78,60	16,01	5,39
1907	1.291.083	76,63	17,44	5,93
1908	1.320.256	75,17	18,76	6,07
1909	1.282.932	73,90	18,88	7,22
1910	1.240.683	69,20	21,37	9,43
1911	1.352.551	69,61	20,29	10,10
1912	1.422.121	72,71	17,67	9,56
1913	1.219.055	73,17	16,60	10,23
1914	1.044.153	74,32	15,69	9,99
1915	844.733	79,02	12,16	8,82
1916	535.173	84,09	8,42	7,49
1917	295.965	79,24	10,23	10,53
1918	332.737	76,69	11,61	11,70
1919	452.404	78,80	11,41	9,79
1920	504.630	75,17	14,64	10,19
1921	616.599	71,65	17,86	10,49
1922	773.525	71,74	18,34	9,92
1923	756.826	69,74	19,76	10,50
1924	676.208	63,24	23,21	13,55
1925	694.708	62,29	23,52	14,19
1926	637.449	61,12	23,56	15,32
1927	540.495	55,28	25,57	18,15
1928	527.607	55,66	26,14	18,20
1929	450.899	55,93	27,10	16,97
1930	347.515	55,32	27,66	17,02

Fontes: As mesmas da tabela 1.

Portanto, toda a evidência do processo de imigração internacional sugere que de 1888 até 1906, aproximadamente, as condições econômicas do Brasil estavam provavelmente em posições cíclicas opostas às da Argentina, Estados Unidos e possivelmente Itália. Como resultado, o fluxo particularmente forte de imigrantes europeus para o Brasil durante a década de 1890, época que pode ser bem caracterizada como a de apogeu da imigração para o país, deveu-se em parte ao recesso econômico da Argentina e Estados Unidos, como a fatores comumente citados, tais como o fim da escravidão e o aumento nos preços no cultivo do café no próprio país.

É importante sublinhar que a inter-relação entre a migração para o Brasil e, pelo menos para os Estados Unidos, era assimétrica e unilateral, no sentido de que qualquer declínio no progresso econômico do Brasil teria como consequência apenas um efeito marginal sobre o aumento na oferta de mão-de-obra internacional para os Estados Unidos. No entanto, qualquer declínio significativo no poder de atração da economia americana poderia ter um grande efeito sobre a oferta potencial de imigrantes europeus para o Brasil, devido ao papel dominante dos Estados Unidos como principal centro de imigração européia no Novo Mundo. Assim, por exemplo, a média anual do fluxo de imigração bruta para os Estados Unidos de 1881 a 1890, calculada a partir dos resultados das médias móveis de cinco anos da tabela 1, foi de 510.857 imigrantes, enquanto para o período 1891-1898 foi de apenas 366.842 pessoas. Estimando-se a mesma média anual para os três países como um todo, nos mesmos períodos, obtemos para a década de 1880, uma média anual de 646.823 pessoas, enquanto para a década de 1890 a média cai para 556.156 imigrantes. Portanto, enquanto a média dos Estados Unidos declinou significativamente, a dos três países reunidos caiu bem menos.

Para confirmar a importância e o provável impacto quantitativo desse declínio americano sobre o Brasil, podemos observar que a média anual da imigração bruta para esse país, derivada da tabela 1, foi de apenas 57.760 pessoas no período de 1881-1890. Durante o período de grande imigração de 1891-1898, essa média aumentou para 121.325 pessoas. Enquanto para o Brasil essa duplicação representou um marcante aumento, essa quantidade foi facilmente compensada pelo declínio americano na década de 1890. A queda da imigração para os Estados Unidos durante essa década de depressão constituiu-se claramente, em termos quantitativos, num significativo fator de impulso que permitiu um considerável desvio de imigrantes europeus para a Argen-

tina e, nessa época, particularmente para o Brasil.

A natureza desse desvio, no entanto, deve ser claramente entendida. O crescente número de imigrantes europeus que veio para o Brasil durante a década de 1890, não seria, necessariamente, originário da mesma fonte da qual saíra a maior parte dos imigrantes para os Estados Unidos na década de 1880. Poderia também vir de uma nova fonte de imigração que aparecesse na década de 1890 e que, dadas as condições econômicas relativas dos dois países na época, escolhesse de vir, ou fosse atraído por subsídios para o Brasil. Essa segunda situação foi, realmente, a relevante no caso brasileiro. Na década de 1880, os Estados Unidos estavam recebendo imigrantes vindos principalmente das regiões centro-norte e ocidental da Europa. A fonte do sul-europeu (Espanha, Portugal, Itália e Grécia) era, na época, de relativa insignificância. A tabela 4 mostra isso claramente. Vemos, na coluna 5, que os imigrantes vindos dessa região, apenas compunham 10% do número total da imigração para os Estados Unidos.

Essa fonte de imigrantes, no entanto, sempre constituiu-se na principal fornecedora de trabalhadores europeus para o Brasil. A tabela 4 mostra que ela fornecia, frequentemente, mais que 90% do fluxo bruto para o Brasil. Examinando-se o rápido crescimento dessa fonte de imigração na década de 1890, através dos dados das duas primeiras colunas dessa tabela, é bem visível que o Brasil ganhava consideravelmente a preferência no que diz respeito ao país de destino. Entretanto, após 1897, torna-se visível uma brusca mudança na direção desse fluxo de imigrantes originários do sul da Europa. Cada vez mais eles passaram a preferir emigrar para os Estados Unidos que, como veremos logo, passou a experimentar, dessa época em diante, uma significativa e prolongada recuperação econômica. Portanto, o Brasil teve a boa sorte de estar disponível, como um país preferido de destino, quando surgiu essa nova fonte de imigrantes europeus na década de 1890, com a concorrência norte-americana sendo comprometida ou enfraquecida devido à depressão econômica na época.

Finalmente é interessante notar como a composição étnica dos migrantes europeus para o Brasil mudou abruptamente de 1893-1903 a 1903-1913. A tabela 5 mostra que durante o primeiro período os italianos contribuíram com mais de 60 por cento do total dos migrantes entrando no Brasil. Na década seguinte esta participação caiu para 19 por cento enquanto portugueses e espanhóis contribuíram

com 38 e 22% respectivamente. É interessante notar aqui como o Brasil, mesmo com um programa de subsídios, perdeu o poder competitivo de atrair migrantes da crescente fonte de italianos, e teve que aproveitar a imigração vinda de países

TABELA 4
IMIGRAÇÃO BRUTA DE SUL-EUROPEUS PARA O
BRASIL E ESTADOS UNIDOS
1884 - 1913

(séries anuais)

Ano	Estados Unidos	Brasil	Brasil % do Total	Imigrantes Sul-europeus — % da imigração bruta anual	
				Estados Unidos	Brasil
1884	19.036	19.895	51,10	3,67	84,39
1885	16.203	30.328	65,18	4,09	87,34
1886	23.017	28.334	55,18	6,88	86,78
1887	49.870	52.128	51,10	10,17	94,89
1888	54.517	127.378	70,02	9,96	96,44
1889	28.032	61.076	68,54	6,30	93,72
1890	55.963	68.457	55,02	12,29	64,08
1891	81.102	186.770	69,72	14,47	86,77
1892	69.769	83.317	54,42	12,03	96,98
1893	78.239	126.630	61,81	17,79	95,50
1894	47.514	59.918	55,77	16,63	99,56
1895	38.001	151.098	79,90	14,69	91,66
1896	73.352	143.018	66,09	11,40	90,84
1897	62.324	137.566	68,82	26,99	94,96
1898	63.246	72.275	53,32	27,58	94,03
1899	82.191	47.287	36,52	26,36	88,20
1900	108.485	32.755	23,18	24,18	86,63
1901	146.681	79.714	35,21	30,06	95,90
1902	192.798	47.305	19,70	29,71	93,72
1903	256.114	28.814	10,11	29,88	87,81
1904	215.493	40.221	15,72	26,51	89,96
1905	239.635	63.870	20,90	23,34	93,25
1906	303.095	66.924	18,08	27,53	92,52
1907	337.810	53.154	13,59	26,28	91,77
1908	161.295	66.462	29,18	20,60	73,40
1909	204.947	60.558	22,80	27,26	72,01
1910	253.277	65.976	20,66	24,31	76,05
1911	222.933	97.798	30,49	25,37	73,21
1912	195.383	144.260	42,47	23,31	81,09
1913	309.068	149.036	32,53	25,80	78,30

Fonte: As mesmas da tabela 1

mais pobres, da Península Ibérica, onde a língua e a cultura facilitavam a migração intercontinental para o Brasil.

TABELA 5
COMPOSIÇÃO ÉTNICA DA IMIGRAÇÃO BRUTA ANUAL
ACUMULADA PARA PERÍODOS SELECIONADOS - BRASIL:
1884 - 1913

Períodos	Distribuição		Percentual	
	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Alemães e Austríacos
1884-1893	57,8	19,3	11,7	4,2
1894-1903	62,4	18,2	11,8	4,5
1904-1913	19,5	38,2	22,3	5,6

Períodos	Distribuição		Percentual	
	Russos e Poloneses	Turcos e Sírios	Japoneses	Outros
1884-1893	4,6	0,1	—	2,3
1894-1903	0,5	0,7	—	1,9
1903-1913	4,8	4,5	1,2	3,9

Fonte: **Revista de Imigração e Colonização**, Ano 1, n.º 4, (Outubro de 1940) pg. 617-645.

Após termos estabelecido a existência de um significativo fator de impulso operando durante a década de 1890, é necessário agora investigar os fatores de atração no Brasil e, também, a evolução das condições econômicas nos países relacionados, para então entendermos a justaposição peculiar das forças econômicas que provocaram o modelo da imigração para o Brasil durante esse período.

II.

Dada a configuração de imigração descrita acima, devemos investigar o padrão do crescimento econômico dos países relevantes para determinarmos a explicação econômica para o comportamento migratório para esses países. Com a exceção dos Estados Unidos, é impossível obtermos dados sistemáticos sobre as contas nacionais dos demais países em que estamos interessados. No entanto, existem dados aproximados para caracterizar as condições econômicas de cada país ao longo do tempo. Antes de estudar os dados, será útil considerar-se as mais prováveis hipóteses relativas a explicação dos padrões da imigração para a Argentina, Brasil e Estados Unidos.

Os volumes de imigração bruta sugerem, com forte evidência, que tanto a Argentina como os Estados Unidos estavam obtendo taxas de crescimento econômico maior que o Brasil na década de 1880, mas que na década seguinte o oposto ocorreu: o Brasil passou a crescer mais rapidamente que os outros dois países. Do mesmo modo, parece provável que depois de 1900, o Brasil sofreu um recesso econômico, enquanto os outros dois países experimentaram altas taxas de crescimento. Se a Itália (a maior fonte de oferta de imigrantes para o Brasil naquele tempo) estivesse sofrendo uma crise econômica na época do apogeu do crescimento brasileiro (década de 1890), então toda a situação no principal país ofertante de mão-de-obra (Itália) e nos principais competidores do lado da procura (Estados Unidos e Argentina) estaria justaposta de tal modo a promover o máximo fluxo possível de imigrantes para o Brasil. Examinando-se os dados das tabelas 6 a 10, torna-se evidente que isso foi exatamente o que aconteceu. Vamos considerar principalmente o caso brasileiro, e utilizar o desempenho econômico do moderno e crescente setor cafeeiro como uma aproximação aceitável para a atuação da economia como um todo (especialmente para o principal centro de imigração, o Estado de São Paulo). Podemos notar, pela tabela 6, que a partir do fim da década de 1880 até o fim da década de 1890, o Brasil obteve um crescimento favorável e um nível máximo no preço do café no mercado internacional, bem como nas receitas das exportações desse setor, sua principal fonte de divisas externas. A manutenção do crescimento das receitas de exportação

TABELA 6
DADOS SELECIONADOS DE EXPORTAÇÃO DE
CAFÉ PELO BRASIL 1880-1913

ANO	Quantidade Exportada (1000 sacos)	Valor das Exportações em Mil-Réis	Valor das Exportações em Libra-Ouro (£ 1000 ouro)	Preço Médio Anual do Saco de Café em Libra-Ouro
	(1)	(2)	(3)	(4)
1880/1	3.660	126.134	11.604	3,17
1881/2	4.081	104.753	9.553	2,34
1882/3	6.687	122.643	10.817	1,61
1883/4	5.316	130.083	11.681	2,29
1884/5	6.238	152.434	13.140	2,10
1885/6	5.436	124.792	9.671	1,77
1886/7	6.075	186.925	14.543	2,39

1887 (2.º se- mestre)	1.694	74.411	6.958	4,10
1888	3.444	103.205	10.857	3,15
1889	5.586	172.258	18.953	3,39
1890	5.109	189.894	17.850	3,49
1891	5.373	284.167	17.561	3,26
1892	7.109	441.443	22.028	3,09
1893	5.307	452.326	21.712	4,09
1894	5.582	499.615	20.884	3,74
1895	6.720	543.336	22.385	3,33
1896	6.744	524.338	19.663	2,91
1897	9.463	525.682	16.506	1,74
1898	9.267	465.664	13.830	1,49
1899	9.771	470.993	14.459	1,48
1900	9.155	484.342	18.889	2,06
1901	14.760	509.598	23.979	1,62
1902	13.157	409.841	20.327	1,54
1903	12.927	384.298	19.976	1,47
1904	10.025	391.587	10.958	1,99
1905	10.821	324.681	21.421	1,98
1906	13.966	418.400	27.616	1,97
1907	15.680	453.764	28.559	1,82
1908	12.658	368.285	23.039	1,82
1909	16.881	533.870	33.475	1,98
1910	9.724	385.493	26.696	2,74
1911	11.258	606.529	40.401	3,58
1912	12.080	698.371	46.558	3,85
1913	13.268	611.690	40.779	3,07

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1939, 1940.

em mil-réis após o declínio do preço internacional do café, foi devido à expansão da produção e à rápida depreciação da taxa de câmbio. O efeito líquido dessa situação foi de permitir o crescimento e absorção da imigração até o fim da década de 1890. Também é claro o declínio de preços e receitas nos primeiros anos do século vinte.

Ao mesmo tempo em que o Brasil experimentou um rápido crescimento na produção e rendimentos de seu moderno setor de exportação, os Estados Unidos sofria sua mais séria depressão econômica anterior a de 1930. A tabela 7 nos indica que a taxa de crescimento do produto nacional bruto americano durante o começo e meados da década de 1890 foi consideravelmente menor do que os obtidos nas décadas anteriores e posteriores. Do mesmo modo, os dados sobre desemprego, disponíveis no clássico trabalho de Paul

Douglas, indicam que, de 1893 até 1898, houve um brusco aumento e obtenção de um nível máximo da taxa de desemprego americano no setor industrial e de transporte. Comparando-se com a década de 1880 e com os primeiros anos do século vinte, parece claro que a década de 1890 constituiu-se num período de marcante declínio nas atividades econômicas dos Estados Unidos, com um efeito negativo nos fluxos migratórios da Europa. Em contraste, a economia americana se recuperou fortemente no início do século exatamente quando a economia cafeeira brasileira entrava em declínio.

Os dados argentinos revelam um padrão de comportamento semelhante. Utilizando os dados sobre lançamento de ações de empreendimentos na Argentina na Bolsa de Londres, taxas de lucro nas ferrovias argentinas, e exportações argentinas por quilômetro de ferrovia, A.G. Ford descreve a década de 1880 e início do século vinte como períodos de grande expansão da economia argentina, e o início e meados da década de 1890 como um período de crescimento lento (tabela 8). Eduardo Zalduendo, utilizando dados de exportações inglesas de equipamentos ferroviários para a Argentina e Brasil durante esse período (tabela 9), também mostra um padrão semelhante de pronunciado aumento nas importações argentinas desses equipamentos (além de um declínio relativo para o Brasil) no fim da década de 1880, e um acentuado declínio na primeira metade da década seguinte (quando houve um considerável aumento para o Brasil). Di Tella e Zymmelman, num extensivo trabalho sobre as várias etapas do desenvolvimento econômico argentino, tiveram ocasião de se referirem à primeira metade da década de 1890 como sendo um período de recesso econômico, no qual houve um marcante declínio no fluxo de importações de capital e investimento estrangeiro na Argentina, reforçado por um declínio nos preços dos principais produtos argentinos de exportação.⁽³⁾ Pelo fim da década de 1890, entretanto, todos os autores concordam no que se refere a recuperação econômica e do começo do século vinte até a Primeira Guerra Mundial a Argentina continuaria com uma notável taxa de crescimento econômico. Díaz Alejandro mostra que a formação de capital bruto fixo na Argentina durante o período 1900-14 atingiu proporções nunca depois igualadas no país.⁽⁴⁾

3. Guido di Tella e Manuel Zymmelman, *Las Etapas del Desarrollo Económico Argentino*, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1967, (capítulos II, VII e IX)

4. Carlos Díaz Alejandro, *Essays on the Economic History of the Argentine Republic*, Yale University Press 1970, p. 29.

TABELA 7

**VÁRIOS ÍNDICES SOBRE A ATIVIDADE
ECONÔMICA NOS ESTADOS UNIDOS**

A. Taxas de Crescimento do Produto Nacional Bruto dos Estados Unidos para as Décadas Seleccionadas: 1878-1917

Décadas	Taxas de Crescimento
1878/82 a 1888/92	3,73
1883/87 a 1893/97	3,10
1893/97 a 1903/07	5,03
1898/1902 a 1908/12	3,71

Fonte: S. Kuznets, "Notes on the Pattern of U.S. Economic Growth," in *Reinterpretation of American Economic History*, editado por R. Fogel e S. Engerman, p. 18;

B. Estimativas das Taxas de Desemprego no setor Industrial e de Transporte nos Estados Unidos, 1899-1913

Ano	Percentagem de Desempregados	Ano	Percentagem de Desempregados
1889	5,6	1902	3,5
1890	5,1	1903	3,5
1891	5,6	1904	7,1
1892	3,7	1905	4,0
1893	9,6	1906	3,5
1894	16,7	1907	3,5
1895	11,9	1908	12,0
1896	15,3	1909	5,1
1897	14,5	1910	3,7
1898	13,9	1911	5,6
1899	7,7	1912	4,4
1900	6,3	1913	5,4
1901	4,5		

Fonte: Paul Douglas, *Real Wages in the United States*, p. 445

TABELA 8
VÁRIOS ÍNDICES SOBRE A ATIVIDADE
ECONÔMICA NA ARGENTINA

ANO	1881	1913	
	Lançamento de Ações para a Argentina na Bolsa de Valores de Londres (£ 1000 milhão)	Taxa de Lucro nas Ferrovias Argentinas %	Exportações Argentinas por Km de fer- rovia (1000 pesos ouro)
	(1)	(2)	(3)
1881	N.A.	5,40	23,05
1882	7,1	6,04	22,80
1883	1,8	5,75	18,96
1884	5,9	7,34	18,70
1885	1,8	4,63	18,66
1886	11,2	4,68	11,99
1887	11,3	4,83	12,56
1888	23,4	5,05	13,21
1889	12,3	2,36	15,11
1890	4,6	2,63	10,71
1891	0,0	1,74	8,24
1892	1,2	1,77	8,25
1893	0,6	1,90	6,79
1894	0,0	2,04	7,27
1895	0,6	2,59	8,51
1896	0,2	3,05	8,91
1897	1,0	2,51	6,77
1898	3,6	2,70	8,67
1899	1,6	3,59	11,28
1900	1,5	3,33	9,34
1901	4,9	3,67	9,94
1902	3,2	3,62	10,29
1903	5,1	4,51	12,01
1904	4,1	4,99	13,58
1905	12,1	5,14	16,31
1906	12,6	4,95	14,20
1907	14,3	4,35	15,39
1908	16,0	1,65	15,42
1909	21,7	4,71	16,02
1910	22,9	4,32	13,32
1911	16,7	3,99	10,82
1912	20,1	4,11	15,26
1913	12,0	4,17	14,89

Fonte: A.G. Ford, "British Investment in Argentina and Long Swings 1880-1914," in *Journal of Economic History*, Vol. XXXI, n.º 3, (Sept. 1971), p. 660.

TABELA 9

**EXPORTAÇÕES INGLESAS DE EQUIPAMENTOS
E MATERIAIS FERROVIÁRIOS PARA A ARGENTINA
E BRASIL 1881 - 1900**

A. Valores Absolutos (em £ 1.000)

Período	Argentina	Brasil
1881-85	824,1	344,8
1886-90	1.762,9	225,9
1891-95	410,1	303,3
1896-00	554,6	268,6

**B. Valores Relativos (Como % do total das exportações
inglesas de equipamentos e materiais ferroviários)**

Período	Argentina	Brasil
1881-85	24,2	10,1
1886-90	39,7	5,1
1891-95	18,7	13,8
1896-00	19,3	9,4

Fonte: Derivado do **Annual Data in Annual Statement of the Trade of the United Kingdom**, (HSMO, London, 1851-1900) e reproduzido em Eduardo Zaldueno, **Imperialismo Economico, Britanico y Ferrocarriles en el Siglo XIX**, Instituto Torcuato Di Tella, Buenos Aires, 1965. p. 23.

TABELA 10
ÍNDICES SELECIONADOS DE CRESCIMENTO DO
PRODUTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA
NA ITÁLIA 1881 1913

A. Taxas Médias de Crescimento Anual da Produção Industrial Italiana 1881 - 1913

Período	Porcentagem de Crescimento
1881-1888	4,6
1888-1896	0,3
1896-1908	6,7
1908-1913	2,4
1881-1913	3,8

Fonte: Alexander Gerschenkron, "The Role Of Industrial Growth in Italy," in *Economic Backwardness in Historical Perspective*, by A. Gerschenkron, p. 76.

B. Índices do Produto Agrícola Agregado das Cinco Lavouras Principais no Setor Agrícola Italiano 1885-1913

ANO	Valor da Produção de 5 culturas de destaque na Itália (milhões de liras)	ANO	Valor da Produção de 5 culturas de destaque na Itália (milhões de liras)
1885	2,421	1900	2,788
1886	2,958	1901	3,397
1887	2,494	1902	2,709
1888	2,396	1903	3,302
1889	2,130	1904	2,998
1890	2,758	1905	3,024
1891	2,931	1906	2,919
1892	2,188	1907	3,637
1893	2,254	1908	3,048
1894	1,778	1909	3,694
1895	1,991	1910	3,018
1896	2,322	1911	4,262
1897	1,903	1912	4,078
1898	2,637	1913	4,323
1899	2,474		

Fonte: Harry Jerome, *Migration and Business Cycles*, NBER, New York, 1926, p. 200. As cinco culturas neste índice são: milho, trigo, vinho, arroz e óleo de oliva. Os valores anuais são derivados da multiplicação do produto anual de cada cultura pelo preço anual médio de exportação de cada cultura. Veja p. 200.

Finalmente, os dados de Gerschenkron e Jerome sobre a Itália, na tabela 10, indicam que durante o período 1888-1897 (época coincidente com o “boom” brasileiro), a produção da indústria italiana foi praticamente nula, enquanto que houve um forte declínio na série de dados sobre o comportamento do setor agrícola. Somente no fim da década de 1890 e no começo do século seguinte (durante o declínio da economia brasileira) é que os dois setores se recuperaram, até atingir suas mais altas taxas de crescimento na época anterior à guerra. Os ciclos econômicos italianos são importantes para nossa análise, pois o período 1890-1913 foi a época em que surgiu a imigração em massa da Itália para o Novo Mundo. O declínio do crescimento econômico italiano durante o período 1888-1897 criou um importante fator de impulso que, obviamente, operou com vantagens para o Brasil, dada a falta de países-destino alternativos para absorver os imigrantes neste período em níveis comparáveis aos da década anterior (1880) ou posterior (1900). Finalmente, o fato de que este declínio simultâneo das atividades industriais e agrícolas era acentuado no Norte da Itália, onde se localizou a indústria, era de grande importância para o Brasil, devido ao fato de que o Norte da Itália era a região geradora de imigrantes para o Brasil.

Em resumo, os índices sugerem fortemente que, aproximadamente de 1885-1906, a prosperidade cíclica da economia brasileira estava desencontrada dos desempenhos cíclicos da economia americana, argentina e italiana. Esse fato desempenhou um importante papel ao permitir o Brasil de importar tão grande número de imigrantes europeus (principalmente italianos) durante a década de 1890.⁽⁵⁾ Seria, de fato, difícil, senão impossível para o Brasil, atrair semelhante número de imigrantes se a Argentina e, sobretudo, os Estados Unidos, tivessem, na mesma época, se expandido economicamente e se, também, a economia italiana estivesse crescendo. Isso foi o que realmente aconteceu entre 1900 e 1908, com consequências negativas com relação a imigração para o Brasil, como podemos ver nas tabelas 1 e 2.

Uma persistente questão que surge em nossa análise é o que teria acontecido se o Brasil não tivesse oportunidade de

5. Como a tabela 5 indica os imigrantes italianos constituíam de 60 a 70% do fluxo total de imigrantes estrangeiros para São Paulo na década de 1890. Também veja Anibal Villela et.al., *Aspectos do Crescimento da Economia Brasileira, 1889-1969*, Vol. II, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1971, (mimeo), p. 48.

contar com essa imigração na década de 1890. Teria sido seriamente comprometida a rápida expansão das fazendas de café paulistas devido a falta de uma base qualificada de força de trabalho imigrante? Como teria a carência de mão-de-obra estrangeira afetado o posterior crescimento econômico brasileiro, dado o fato de que grande parte dessa força de trabalho tornou-se o núcleo decisivo de trabalhadores utilizado nas primeiras ondas de industrialização e, também, um importante componente demográfico nas etapas iniciais do processo de urbanização brasileiro?⁽⁶⁾ Embora não nos propomos aqui a responder especificamente essas perguntas, o que se torna claro é que, quanto maior for o papel atribuído ao imigrante estrangeiro no desenvolvimento sócio-econômico do Brasil no início do século vinte, mais importante se torna o fortuito conjunto de eventos econômicos históricos, descritos nesse artigo, que permitiram ao país adquirir a primeira grande injeção de força de trabalho na década de 1890.

Ao contrário dos Estados Unidos, onde o fator econômico de atração foi a força predominante e exclusiva em criar a migração intercontinental, os fatores de impulso e desvios foram também necessários para garantir uma adequada oferta de imigrantes para o Brasil. Esses fatores de impulso incluem não somente a crise econômica do país de origem (Itália), mas também o declínio no crescimento econômico nos países concorrentes quanto ao destino (Argentina e Estados Unidos). Ambos os fatores permitiram um fortuito desvio de um alto fluxo de imigrantes europeus para o Brasil na década de 1890. Portanto, no caso brasileiro, o rápido crescimento da economia cafeeira (que gerou o capital para subsidiar migração estrangeira), juntamente com importantes reformas institucionais e políticas como a abolição da escravidão e o estabelecimento de um regime republicano descentralizado, foram condições necessárias, mas não suficientes para atrair o volume de imigrantes registrados na década de 1890. A justaposição peculiar dos ciclos econômicos da Argentina, Estados Unidos, Itália e Brasil foi o elemento final necessário para garantir os altos níveis de imigração para o Brasil neste período.

6. Um ponto de vista crítico de que o Brasil concebivelmente poderia superar a falta de uma abundante oferta de mão-de-obra estrangeira é desenvolvido em Nathaniel Leff, "Population Growth and the Economic Underdevelopment of Latin America: Some Historical Perspectives," artigo apresentado na Conferência Regional Laticamericana de Población, Mexico City, Agosto 1970.

III.

Torna-se útil, nesse ponto, complementar o estudo dos padrões da imigração a longo prazo, calculados em nossa série de tempo elaborado pelo processo de médias móveis, com a investigação das séries anuais do comportamento migratório em evidência na década de 1890 e no começo do século atual, bem como das causas aparentes das mudanças desses dados. A tabela 11 mostra as variações anuais da imigração bruta para o Brasil, Argentina e Estados Unidos ao lado das séries de tempo anuais que relacionam os subsídios brasileiros para a imigração, desemprego nos Estados Unidos, as taxas de lucro nas ferrovias argentinas e a produção agrícola na Itália. É difícil determinarmos as vinculações entre as variáveis através de técnicas estatísticas formais, devido ao limitado número de observações. No entanto, existe uma suficiente quantidade de dados correlacionados que nos permite obter conclusões razoáveis sobre os fatores que afetaram a migração durante esse limitado, mas crucial período.

A série de dados econômicos pode ser agrupada em três categorias: fatores de impulso (declínio na produção agrícola italiana), fatores de desvio (comportamento da economia americana e argentina), e fatores de atração (preço do café, receita cambial e subsídios).

A tabela 11 mostra que o primeiro crescimento importante da imigração para o Brasil ocorreu num período de três anos, de 1886 a 1888 (coluna 3). Durante esse período, a imigração bruta aumentou de 33.486 para 133.253 pessoas, tornando-se, portanto, quatro vezes maior num espaço de três anos. É interessante notar que esse aumento foi principalmente associado a fatores de atração, ou seja, um rápido crescimento no preço do café e nos ganhos de exportação (coluna 13-15) e, ainda mais importante, um brusco aumento nos subsídios federais e estaduais à imigração (coluna 10-12). Ambas as fontes de subsídios quadruplicou durante esse período. Além disso, fatores de impulso atuavam na Itália, ou seja, o índice agregado da produção agrícola caiu durante dois anos sucessivos, de 1886 a 1888. Finalmente, deve-se notar que essa particular elevação da imigração para o Brasil não estava associada com uma concomitante recessão econômica e declínio migratório para os Estados Unidos ou Argentina. Os fatores de desvio estavam ausentes. Em ambos os países houve um aumento simultâneo da imigração durante esse período.

TABELA 11

IMIGRAÇÃO ANUAL BRUTA PARA OS ESTADOS UNIDOS, ARGENTINA E BRASIL E INDICADORES ECONÔMICOS DE PAÍSES SELECIONADOS 1885-1913
(Séries Anuais)

ANO	Imigração Bruta (Séries Anuais)			Imigração Brasileira Anual como % da Imigração bruta para os Est. Unidos, Argentina e Brasil (4)	Imigração Italiana Bruta para o Brasil (5)
	Est. Unidos (1)	Argentina (2)	Brasil (3)		
1885	395.346	80.618	36.440	6,93	21.765
1886	334.203	65.655	33.486	7,73	20.430
1887	490.109	94.603	55.963	8,73	40.157
1888	546.889	129.115	133.253	16,47	104.353
1889	444.427	218.744	65.946	9,04	36.124
1890	455.302	77.815	107.474	16,78	31.275
1891	560.319	28.266	216.760	26,92	132.326
1892	579.663	39.973	86.203	12,21	55.049
1893	439.730	52.067	134.805	21,51	58.552
1894	285.631	54.720	60.984	15,20	34.872
1895	258.536	61.226	167.618	34,39	97.344
1896	343.267	102.673	158.132	26,18	96.505
1897	230.832	72.978	146.362	32,51	104.510
1898	229.299	67.130	78.109	20,85	49.086
1899	311.715	84.442	54.629	12,12	30.846
1900	448.572	84.851	40.300	7,02	19.671
1901	487.918	90.127	85.306	12,86	59.869
1902	648.743	57.992	52.204	6,88	32.111
1903	857.046	75.227	34.062	3,52	12.857
1904	812.870	125.567	46.164	4,69	12.857
1905	1.026.499	177.117	70.295	5,52	17.360
1906	1.100.735	252.536	73.672	5,16	20.777
1907	1.285.349	209.103	58.552	3,77	18.238
1908	782.870	255.710	94.695	8,36	13.873
1909	751.786	231.084	85.410	8,00	13.668
1910	1.041.570	289.640	88.564	6,24	14.163
1911	878.587	225.772	135.967	10,96	22.914
1912	838.172	323.403	180.182	13,43	31.785
1913	1.197.892	302.047	192.683	11,38	30.886

Cont. 2

**IMIGRAÇÃO ANUAL BRUTA PARA OS ESTADOS
UNIDOS, ARGENTINA E BRASIL E INDICADORES
ECONÔMICOS DE PAÍSES SELECIONADOS 1885-1913**
(Séries Anuais)

ANO	Imigração Italiana para o Brasil como % da Imig. Italiana para os Est. Unidos, Argentina e Brasil (6)	Valor da pro- dução de 5 culturas de destaque na Itália (milhões de liras) (7)	% de desem- pregados na Ind. de Ma- nufaturados e de Trans. americanas (8)	Taxas de Lucro das Estradas de Ferro Argentinas (9)
1885	61,47	2,421	4,5	4,63
1886	48,94	2,958	—	4,68
1887	45,75	2,494	—	4,83
1888	66,93	2,396	—	5,05
1889	58,80	2,130	5,6	2,36
1890	37,55	2,758	5,1	2,63
1891	63,50	2,931	5,6	1,74
1892	47,18	2,188	3,7	1,77
1893	44,80	2,254	9,6	1,90
1894	44,79	1,778	16,7	2,04
1895	73,32	1,991	11,9	2,59
1896	58,64	2,322	15,3	3,05
1897	63,75	1,903	14,5	2,51
1898	45,58	2,637	13,9	2,70
1899	28,49	2,474	7,7	3,59
1900	16,42	2,788	6,3	3,33
1901	30,57	3,397	4,5	3,67
1902	15,26	2,709	3,5	3,62
1903	5,32	3,302	3,5	4,51
1904	6,24	2,998	7,1	4,99
1905	7,27	3,024	4,0	5,14
1906	7,07	2,919	3,5	4,95
1907	6,00	3,637	3,5	4,35
1908	9,47	3,048	12,0	4,65
1909	6,94	3,694	5,1	4,71
1910	6,17	4,262	3,7	4,32
1911	11,13	3,0	5,6	3,99
1912	16,82	4,078	4,0	4,11
1913	10,42	4,323	5,4	4,17

(cont. 3)

**IMIGRAÇÃO ANUAL BRUTA PARA OS ESTADOS
UNIDOS, ARGENTINA E BRASIL E INDICADORES
ECONÔMICOS DE PAÍSES SELECIONADOS 1885-1913
(Séries Anuais)**

ANO	Subsídios à Imigração para o Brasil em £ esterlinas			Receita da Expor- tação de Café em Mil-Réis \$	Média Anual do Preço do Café £ es- Cents/ terli- libra- nas peso nos por Estados saca Unidos no Brasil	
	Governo Federal	Estado de São Paulo	Total		(14)	(15)
	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)
1885	80.430,78	28.343,83	108.774,01			7,6
1886	106.619,27	88.172,13	194.791,40			10,7
1887	251.734,00	299.447,62	551.181,62			14,0
1888	405.395,21	304.383,88	709.779,09	103.205	3,15	13,0
1889	703.153,53	17.541,18	720.694,71	172.258	3,39	16,0
1890	327.322,21	83.918,70	411.240,91	189.894	3,49	19,0
1891	1.224.275,18	37.382,66	1.281.657,84	284.167	3,26	20,0
1892	346.374,96	75.565,31	421.940,27	441.443	3,09	14,0
1893	301.319,60	180.554,46	481.874,06	452.326	4,09	16,4
1894	99.067,25	51.318,40	150.385,65	499.615	3,74	14,7
1895	339.878,38	301.398,25	641.276,63	543.336	3,33	14,6
1896	679.561,38	175.406,26	854.967,64	524.338	2,91	11,1
1897	30.887,30	190.619,57	221.506,87	525.682	1,74	7,5
1898	40.485,88	82.039,20	122.525,08	465.664	1,49	6,5
1899	7.942,15	70.607,19	78.549,34	470.993	1,48	6,7
1900	75.213,94	44.685,92	119.899,86	484.342	2,06	7,4
1901	203.601,51	213.326,18	416.927,69	509.598	1,62	6,4
1902	6.953,19	104.444,84	111.398,03	409.841	1,54	6,6
1903	6.465,11	11.882	18.347,71	384.298	1,47	7,0
1904	9.616,73	34.001,00	43.617,73	391.587	1,99	8,1
1905	12.863,59	210.056,91	222.920,50	324.681	1,98	8,6
1906	14.144,17	176.027,37	190.171,54	418.400	1,97	7,9
1907	90.363,36	105.180,15	195.543,51	453.764	1,82	7,6
1908	644.364,02	126.363,15	770.727,17	368.285	1,82	7,5
1909	1.000.350,24	164.787,66	1.165.137,90	533.870	1,98	7,9
1910		209.943,90		385.493	2,74	10,3
1911		240.512,47		606.529	3,58	13,3
1912		400.489,20		698.371	3,85	13,8
1913		441.129,34		611.690	3,07	11,1

FONTES E NOTAS

Col. 1 - 3: Mesmas da tabela 1.

Col. 4: Derivada de dados na coluna 1 - 3.

- Col. 5: Derivada de dados na **Revista de Imigração e Colonização**, Ano 1, N.º 4, (Outubro de 1940), pp. 617-626.
- Col. 6: Mesmos dados da coluna 5 e **Historical Statistics of the United States** U.S. Department of Commerce, Washington 1960, pp. 56-57.
- Col. 7: Harry Jerome, **Migration and Business Cycles**, NBER, New York, 1926, p. 200. As cinco culturas neste índice agregado consistem em trigo, milho, vinho, arroz e óleo de oliva. Os valores anuais são derivados da multiplicação de produção de cada cultura por seu preço de exportação anual correspondente.
- Col. 8: Paul Douglas, **Real Wages in the United States**, p. 445.
- Col. 9: A.G. Ford "British Investment in Argentina and Long Swing", **Journal of Economic History**, Vol. XXXI, n.º 3, (Set. 1971), p. 660.
- Col. 10 - 12: A série anual das despesas para imigração provém de Henrique Doria de Vasconcelos, "Oscilações do Movimento Imigratório no Brasil," **Revista de Imigração e Colonização**, Ano 1, n.º 1, (Jan. 1940), p. 227-7. Para deflacionar esta série de despesas nominais utilizamos a taxa de câmbio anual em libras esterlinas no Brasil no ano correspondente. Esta série de taxas cambiais provém de **Anuário Estatístico do Brasil 1939-1940**, p. 1353-4.

Não é surpreendente o importante papel dos subsídios durante essa época. Ainda caminhava-se para o fim da escravidão e o café apenas alcançava seu completo domínio em São Paulo. Apesar dessas promissoras mudanças econômicas e institucionais, o Brasil não tinha ainda recebido uma imigração em massa, como acontecia com os Estados Unidos e o previdente imigrante europeu necessitava alguma forma de confiança nessa terra de riquezas econômicas desconhecidas para convencê-lo de que valia a pena correr o risco. Os subsídios ganhos através de impostos na crescente renda do setor cafeeiro desempenhava esse papel perfeitamente, e habilitou o país a receber os imigrantes italianos nessa época.

O interessante papel dos subsídios e a natureza competitiva da imigração para a Argentina perduravam nos anos seguintes. Em 1889, a imigração para o Brasil caiu pela

metade, enquanto aquela para a Argentina quase dobrou; no ano seguinte, ocorreu o oposto. Os anos finais do “boom” argentino (também apoiado por subsídios à imigração) proporcionaram claramente o impacto máximo sobre a imigração para o país em 1889, enquanto os subsídios totais para a imigração para o Brasil, permanecendo constante ao nível dos anos anteriores, pôde apenas manter a metade do fluxo de imigrantes dos anos anteriores. Portanto, o poder de atração da Argentina enfraqueceu o efeito dos subsídios brasileiros, além de diminuir a imigração não subsidiada para o Brasil. Em 1890, esse “boom” da economia argentina sofreu um retrocesso (ie., a crise de Baring), provocando um forte efeito sobre a subsequente taxa de lucro nas ferrovias do país e refletindo num mercado declínio da imigração. É interessante notar a existência de um brusco aumento da imigração para o Brasil em 1890, a despeito do declínio dos subsídios. Sem dúvida isso deveu-se, em parte, ao efeito “desvio” consequente da menor atração argentina para o imigrante.

A mudança da composição dos subsídios à imigração para o Brasil de 1888 a 1890, se manifesta através do fato das subvenções do Estado de São Paulo terem primeiro caído precipitadamente (1888-89), para depois aumentar (1889-1890), enquanto o oposto aconteceu da parte do governo federal. É instrutivo notar que o comportamento da imigração (com o auxílio do efeito de desvio, favorecendo a Argentina em 1889 e, o Brasil em 1890) seguiu o padrão dos subsídios paulistas ao invés das do governo federal. Com respeito a isso, é importante lembrar que os subsídios paulistas foram dirigidos quase exclusivamente para atrair novos imigrantes italianos para o trabalho de colono nas plantações de café do Estado. Os do governo federal se destinaram tanto a subvenções para a viagem como a assistência mais dispendiosa aos esquemas já estabelecidos de colonização fora do setor cafeeiro nas terras do governo federal nos Estados do Sul. Portanto, não é surpreendente que o padrão da imigração da época seguiu mais de perto a mudança das subvenções paulistas e não a do governo federal. Esse padrão foi quebrado somente quando houve uma forte mudança descontínua no financiamento federal em 1891 e 1892. Um outro meio de mencionar a mesma coisa é notar que quando os subsídios totais de ambas as fontes permaneceram por volta do mesmo nível de um ano para outro, e de outro lado houve uma clara divergência no peso das fontes estaduais em relação às federais, o padrão geral da imigração (na coluna 3) seguiu o grau de mudanças

refletido nas subvenções paulistas (coluna 11) e não o refletido nos subsídios federais (coluna 10). Isso torna-se evidente nos períodos de 1888-89, 1892-93 e 1895-96. Finalmente, quando o nível total das subvenções se alterou abruptamente (tanto para cima como para baixo), acompanhado de um comportamento inverso na direção das mudanças dos subsídios estaduais em relação aos federais, o padrão geral da imigração seguiu mais de perto as variações das subvenções paulistas. Isso tornou-se claro nos períodos 1889-90, 1899-1900, e 1902-3.

As únicas vezes na década de 1890, em que as variações na imigração bruta não refletiram o comportamento das subvenções paulistas, foram 1890-91 e 1891-92, quando os gastos federais na imigração cresceram a níveis sem precedentes, que nunca mais seriam atingidos, para caírem abruptamente no ano seguinte. Obviamente, em 1891, houve uma significativa mudança na direção dos gastos federais em favor do subsídio explícito da imigração italiana que se dirigia a São Paulo. Esse marcante aumento claramente preponderou sobre o declínio do gasto estadual com a imigração, possibilitando, portanto, que o volume de imigrantes dobrasse (de 107.474 para 216.760 pessoas). Também é evidente que boa parcela desses subsídios foi gasta com a imigração italiana, pois o número desses imigrantes que se destinou ao Brasil aumentou de 31.275 em 1890, para 132.326 em 1891 (coluna 5). O comportamento inverso, igualmente abrupto, das subvenções federais no ano seguinte (1892) provocou um forte declínio da imigração bruta (coluna 3).

As grandes variações da magnitude dessa imigração (de 1890 a 1892) somente podem ser explicadas pelas igualmente fortes mudanças nas subvenções do governo federal. Entretanto, é curioso notar que essa foi a única época em que os gastos do governo federal com a imigração superaram os gastos do Estado de São Paulo com os “novos imigrantes”. Após 1891, os gastos federais declinaram rapidamente para os níveis anteriores, aparecendo, novamente, o padrão dominante das subvenções paulistas afetando o curso dos novos imigrantes.

Em conclusão, o rápido crescimento da imigração para o Brasil de 1890 a 1891, evidente na tabela 11, e o igualmente rápido declínio em 1892, parecem estar estreitamente associados ao marcante aumento e posterior declínio dos gastos com os subsídios federais. O aumento de 1891 foi, também, reforçado pelo “efeito desvio” consequente da contínua recessão econômica e declínio da imigração para a Argentina.

Realmente, o ano de 1891 foi aquele em que a imigração para a Argentina atingiu seu menor nível durante o período que vai de 1885 a 1913. Isso, por sua vez, estava associado com a mais baixa taxa de lucro nas ferrovias argentinas no período anterior à Primeira Guerra Mundial, o que indica claramente que a imigração para o Brasil se beneficiou do declínio econômico argentino nessa época.

Desse ponto em diante, a tabela 11 indica que três parâmetros se modificaram para o Brasil, favorecendo o fluxo de imigrantes para o país durante essa época de apogeu migratório, de 1893 até 1898: a baixa taxa de crescimento da agricultura italiana; o crescente índice de desemprego nos Estados Unidos; e as baixas taxas de lucro nas ferrovias argentinas, (colunas 7, 8 e 9). Esses fortes efeitos de impulso e de desvio que refletiam o pioramento das condições econômicas dos países em questão, foram também auxiliados pelos fortes fatores de atração representados pelos altos preços do café (até 1895) e os altos subsídios do governo paulista (até 1897), evidentes nas colunas 11, 14 e 15. É interessante notar que os subsídios paulistas continuaram num alto nível por alguns anos após o declínio do preço do café. Sem dúvida a reação aqui acontecia com certa defasagem de tempo baseada em expectativas do passado, e se combinava com uma contínua demanda por força de trabalho associado à expansão da produção e das terras cultivadas.

Vemos, portanto, que fatores de impulso, de desvio e de atração operaram conjuntamente, reforçando uns aos outros, para promover um volume máximo de imigração para o Brasil nessa época. É importante, no entanto, lembrar que essas forças foram bastante uniformes durante o período (especialmente os fatores de impulso e de desvio), o que ajuda a explicar o “alto” nível médio da imigração, mas não as bruscas variações de ano para ano. Por isso, como já acontecera em períodos anteriores, o papel dos subsídios se salientava novamente como o determinante chave das variações anuais da imigração em níveis médios mais altos provocados pelas variações dos demais parâmetros citados. Como anteriormente, os subsídios paulistas estavam consistentemente associados com as variações na direção da imigração, e isso continuou a acontecer no período seguinte. Durante um período de doze anos (de 1892 a 1904), os aumentos e declínios da imigração bruta estiveram diretamente associados com crescimentos e quedas dos subsídios do Estado, com apenas uma exceção.

No único ano que isso não aconteceu (1896-97), o pequeno aumento dos subsídios paulistas orientados para o “novo imigrante”, indicado na coluna 11 (de £ 175.000 para £ 190.000), não foi suficiente para compensar a marcante e anormal queda dos gastos com a imigração do governo federal, citada na coluna 10 (de £ 679.000 para £ 31.000).

Para melhor apreciarmos o impacto relativo dos parâmetros de impulso e de desvio durante esse período, é suficiente notar os seguintes pontos mais relevantes. **Primeiro**, de 1892 até 1898 a imigração para os Estados Unidos caiu de cerca de 580.000 para 230.000 pessoas, enquanto na Argentina caiu do alto nível do fim da década de 1880 (mais de 200.000 imigrantes) para o baixo fluxo de 50.000 a 60.000 pessoas em meados da década seguinte. O impacto relativo disso sobre o aumento da imigração para o Brasil pode ser visto através da alta participação relativa dessa imigração em relação ao total dos três países durante o período, como foi mostrado na coluna 4 da tabela 3. Em alguns anos dos meados da década de 1890, a imigração para o Brasil chegou a representar mais que um quarto do total de imigrantes para os três países, uma percentagem bastante alta para um país que foi raramente considerado como área de destino quantitativamente importante para o imigrante europeu. **Segundo**, o nível médio da imigração anual para o Brasil aumentou progressivamente em termos absolutos de 64.536 pessoas, no período 1885-1888, para 119.096, no período 1889-1892 (quando começava o declínio argentino), e, finalmente para 166.975 pessoas no período 1893-1897 (quando aconteceu, também a recessão na economia americana e italiana). **Terceiro**, uma evidência indireta sugere que o volume de imigrantes não-subsidiados aumentou significativamente durante esse período. Apesar de não termos dados sobre a imigração não-subsidiada para o Brasil como um todo, possuímos a série dos que vieram para São Paulo. De 1889 a 1892, o número total de imigrantes que veio para São Paulo sem subsídios foi de 13.770 pessoas. Isso representou apenas 6,4% do total da imigração para o Estado nessa época. No entanto, de 1893 a 1898 o número total de imigrantes não-subsidiados para São Paulo aumentou para 115.758 pessoas, o que representou 22,5%, do total dos imigrantes para o Estado na mesma época.

Em suma, o declínio da imigração para os Estados Unidos e Argentina ao mesmo tempo que houve um crescimento da imigração total para o Brasil, bem como de sua componente não-subsidiada, sugerem o importante papel dos fatores de impulso e de desvio em promover um crescimento do nível da imigração proveniente das novas fontes do sul da Europa para o Brasil, durante esse período crucial das primeiras etapas do crescimento econômico do país.

Concluindo nossa análise, é instrutivo discutir as associações evidentes em nossos dados de 1900 e 1913. Como já foi dito anteriormente, a rápida queda para um relativamente baixo nível de imigração de 1898 a 1905 foi resultante tanto de um declínio de importantes fatores de atração, i.é, preço do café, ganho de divisas e subsídios para imigração, bem como do desaparecimento de fatores de impulso e de desvio oriundos da economia americana, argentina e italiana. Essas três economias experimentaram, então, um significativo período de recuperação econômica, tornando, portanto, mais difícil para o Brasil competir com sucesso no mercado internacional pela mão-de-obra européia.

É importante notar aqui que tanto o grande fluxo da década de 1890 como o brusco declínio dos primeiros anos do século vinte refletem situações extremas, no sentido de que os fatores de impulso, desvio e atração estavam atuando no sentido de se reforçarem, uns aos outros, provocando níveis máximos e mínimos de imigração para o Brasil entre 1890 e 1905. Em outras palavras, seria pouco provável que o Brasil pudesse receber esses níveis de máximo e mínimo relativos (picos e vales) sem a atuação conjunta desses fatores de atração e impulso operando num mesmo sentido.

De 1906 a 1913, aproximadamente, esse padrão de comportamento de reforço mútuo alterou-se ligeiramente. O ciclo do setor cafeeiro e o início de um crescimento industrial no Brasil acompanharam, no tempo, um período de expansão nos Estados Unidos. A tabela 12 mostra os dados relevantes para interpretar o comportamento da imigração para o Brasil nessa época.

TABELA 12
IMIGRAÇÃO ESTRANGEIRA E INDICADORES ECONÔMICOS DO BRASIL E ESTADOS UNIDOS 1905-1913

ANO	Imigração Bruta Anual (000)		São Paulo		Café		Brasil		% de Desemprego nos Estados Unidos	
	Brasil	Estados Unidos	Despesas Estaduais com Imi-gração (£)	% de Imi-grantes Subsidia-dos	Receita Cambial em Mil-Réis	Preço por Saca (£)	Índice Quantum de Impor. Bens de Capital 1939 = 100	Consumo de Aço (1000t)	Força de Trabalho Total	Emprega-dos Não-Agrícolas
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)
1905	70,3	1.026,6	210.056,91	54,4	324.681	1,98	62,3	170,6	4,3	5,5
1906	73,7	1.101,0	176.027,37	1.285,3	418.400	1,97	66,1	220,3	1,7	3,9
1907	58,6	782,9	105.180,15	32,6	453.764	1,82	93,0	295,0	2,8	6,0
1908	94,7	751,8	126.363,15	38,3	368.285	1,82	93,4	267,6	8,0	16,4
1909	85,4	23,4	164.787,66	49,3	533.870	1,98	102,9	304,5	5,1	10,3
1910	88,6	1.041,6	209.943,90	15,3	385.493	2,74	118,7	362,3	5,9	11,6
1911	136,0	878,6	240.512,47	33,0	606.529	3,58	153,6	369,2	6,7	13,0
1912	180,2	838,2	400.389,20	41,7	698.371	3,85	205,3	506,6	4,6	9,0
1913	192,7	1.197,9	441.129,34	44,9	611.690	3,07	152,6	589,3	4,3	8,2

FONTES: Col 1-3; 5-6: da Tabela; Col. 4 derivada de dados no Boletim da Diretoria de Terras Colonização e Imigração, n.º 1, (Outubro 1937), São Paulo, Quadro A-3; Col. 7-8 - Anibal Villela "Surto Industrial Durante a Guerra de 1914-18", em Ensaio Econômico: Homenagem a Octávio Gouvêa de Bulhões, APEC, Rio de Janeiro, 1972, p. 547; Col. 9-10 Stanley Lebergott, Manpower in Economic Growth; the United States Record Since 1800, McGraw Hill, 1964, Table A-3, (p. 512).

A imigração bruta para o Brasil cresceu durante todo esse período. A série americana, no entanto, mostra vários declínios bruscos e recuperações, a partir dos altos níveis estabelecidos entre 1900 e 1905. Os níveis de médio a alto do desemprego urbano nos Estados Unidos entre 1908 e 1911, visíveis nos dados de Lebergott (tabela 12, coluna 10), estão claramente associados, bem como responsáveis, com o marcante declínio da imigração para o país durante esses anos (tabela 12, coluna 2). Portanto, seria difícil arguir que os Estados Unidos estavam experimentando um rápido crescimento econômico durante todo esse período. Entretanto, o crescimento do desemprego e o declínio da imigração para os Estados Unidos foram bem menos severos do que aqueles registrados na década de 1890 e, já no fim do período, a produção americana e a imigração haviam retornado para os altos níveis estabelecidos anteriormente.

Vários pontos se salientam na tabela 12 com respeito aos padrões da economia americana e brasileira e das séries de imigração para esses países durante o período. **Primeiro**, os subsídios paulistas ao imigrante e o comportamento da imigração para os Estados Unidos foram, claramente, dois importantes fatores a afetar o movimento imigratório para o Brasil. Abruptas e reforçadas mudanças em direções opostas dessas duas variáveis alteraram consideravelmente a imigração para o Brasil (1907 a 1908 e 1910 e 1911). **Segundo**, a inter-relação da série de imigração para os Estados Unidos e Brasil se torna maior nesse período, pois, em contraste com o que acontecera até a década de 1890, ambos os países passaram a atrair trabalhadores da mesma fonte do sul da Europa. A tabela 12 mostra que declínios abruptos no volume de imigrantes para os Estados Unidos se refletiam em ganhos para o Brasil. Essas mudanças estavam intimamente associadas com as alterações nas condições econômicas das áreas do Novo Mundo às quais se destinavam essa importante imigração proveniente do sul da Europa. Portanto, em contraste com a década de 1890, quando o Brasil ganhou um crescente volume de imigrantes dessa nova fonte em parte por causa do momentâneo atraso dos Estados Unidos em explorá-la, no período 1905-1913 estabeleceu-se um fluxo de sul-europeus para ambos os países. Isso sugere, claramente, que o declínio abrupto do fluxo de imigrantes para os Estados Unidos efetivamente desviou parcela do fluxo potencial para o Brasil e Argentina. Esse comportamento estava evidente em nossa análise anterior do padrão de transferência do imigrante

sul-europeu, na tabela 4. **Terceiro**, uma curiosa assimetria surge do impacto das variações da imigração para os Estados Unidos sobre o fluxo imigratório para o Brasil. Quando a imigração para os Estados Unidos declinava bruscamente, como em 1908 e 1911, a que se dirigia ao Brasil aumentava significativamente. Mas quando o fluxo para os Estados Unidos aumentava abruptamente, o que se dirigia ao Brasil não caía mas, pelo contrário, permanecia geralmente constante (ou aumentava levemente), como em 1910 e 1913. Parece, portanto, que nesse período o Brasil chegou a ganhar mais com os declínios americanos do que a perder com as recuperações dos Estados Unidos. Pronunciado aumento nos subsídios à imigração para o Brasil (facilitados pelo crescimento no preço do café) parece ter neutralizado o esperado impacto negativo do crescimento da imigração para os Estados Unidos em 1910 e 1913. **Quarto**, a despeito do aumento dos gastos com a imigração no fim desse período, o número de imigrantes subsidiados nunca chegou a representar mais que 40% ou 45% do total que entrou em São Paulo na época. Em contraste com o período anterior, quando os imigrantes não-subsidiados constituíam uma insignificante minoria, o número deles cresceu bastante no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Dado o fato que os subsídios paulistas à imigração tinham como objetivo favorecer a oferta de trabalho no setor cafeeiro e em atividades agrícolas coligadas, o aumento da imigração não-subsidiada durante esse período sugere que muitos deles se destinaram a ocupações não-agrícolas. Isso seria, também, consistente com o marcante crescimento do índice de formação de capital industrial urbano, evidente nas colunas 7 e 8 na tabela 13. A contínua pressão dos fazendeiros de café para valer-se dos subsídios para importação de força de trabalho é mais uma evidência do crescente passo do desenvolvimento urbano-industrial. Esses subsídios eram invariavelmente considerados necessários para repor a decrescente oferta de trabalho dos antigos colonos imigrantes que estavam abandonando as fazendas e migrando para cidades que se desenvolviam rapidamente na região. **Quinto**, portugueses e espanhóis tomaram o lugar dos italianos como principal fonte sul-européia de imigração para o Brasil, representando aproximadamente 60% do total acumulado que entrou no país entre 1903 e 1913 (tabela 5). Portanto, qualquer análise completa desse período deveria também investigar as mudanças nas condições econômicas da época nesses dois países em contraste com a da Itália, para determinar os motivos da mudança da área de origem. Finalmente, a

despeito da contínua predominância dos sul-europeus no agregado total, o Brasil tornou-se também capaz de atrair um crescente número de imigrantes de novas fontes, ou seja, da Europa Oriental e das regiões orientais do Mediterrâneo. É um motivo de especulação procurar averiguar se isso representou um declínio na qualidade ou seletividade dos imigrantes, comparado com aqueles que vieram durante a primeira importante onda de italianos na década de 1890. É bastante provável que isso seja verdadeiro, mas tal assunto mereceria um estudo maior.

Resumindo, está claro que fatores de atração associados, primeiramente, com o crescimento do setor cafeeiro e, em segundo lugar, com o surto inicial de desenvolvimento industrial, desempenharam papéis-chave em atrair migrantes estrangeiros do exterior. Entretanto, o subsídio foi crucial nas etapas iniciais desse fluxo migratório na década de 1890. Teria sido difícil, para o Brasil, competir com sucesso na procura de imigrantes europeus sem lançar mão desse conveniente instrumento da política governamental. Tendo acontecido isso, porém, é evidente que os subsídios tornaram-se menos importantes com o tempo. Os vínculos familiares, ao lado do crescimento sustentado das oportunidades econômicas no setor urbano foram responsáveis por uma porção crescente do aumento do fluxo imigratório na época anterior à Primeira Guerra Mundial. Finalmente, deve ser lembrado que esses fatores de atração, se bem que cruciais, compunham apenas parte da imagem total. Fatores de impulso na Itália, e de desvio na Argentina e nos Estados Unidos, também foram condições necessárias para o Brasil ter conseguido atrair o volume de imigrantes que realmente obteve, especialmente na década de 1890.

IV.

É conveniente, agora, desviar nosso foco de atenção das causas da migração estrangeira para o Brasil, para considerar alguns de seus efeitos. Nossa análise se centralizará agora no impacto demográfico e econômico da migração estrangeira sobre as etapas iniciais do crescimento industrial do país. O centro de referência analítica será o impacto da imigração sobre **economias de escala, capital humano ou diferenças de qualificação, e poupança de recursos**. Finalmente, faremos umas especulações relacionadas com as implicações dessa migração sobre o **bem-estar global e sua distribuição**, para o país como um todo.

A rápida taxa de urbanização é um dos mais importantes impactos macroeconômicos criados pelo crescente ritmo de migração estrangeira para o Brasil na década de 1890. Apesar do principal motivo de atrair imigrantes para o Brasil era o de trabalhar como colonos das fazendas de café do interior, é evidente que houve um considerável volume de migração intra-estadual desses estrangeiros para as áreas urbanas de São Paulo, principalmente, para a capital. A cidade de São Paulo aumentou de 64.934 habitantes em 1890, para 239.820 em 1900, tornando-se quase quatro vezes maior num espaço de dez anos. Usando os dados do censo de 1890, Florestan Fernandes relata que dos 64.934 habitantes da capital de São Paulo, 22% eram nascidos no exterior, enquanto no interior do Estado, apenas 5,4% eram estrangeiros⁽⁷⁾. O relatório histórico de Toledo Piza, citado por Fernandes, mostra que os estrangeiros, em 1894, constituíam 62% da população branca da cidade de São Paulo que, por sua vez, superava em grande número a população não branca⁽⁸⁾. Portanto, por essa época, os estrangeiros em geral, e mesmo os italianos como um grupo separado, superavam numericamente a população branca nativa do Brasil nessa cidade. Essa tendência de rápido crescimento urbano prosseguiu: a população da capital do Estado dobrou de 239.820 em 1900 para 579.033 em 1920, uma taxa de crescimento ainda bastante grande considerando que a migração estrangeira diminuiu drasticamente nos anos de guerra. A tabela 13 mostra que em 1920, os estrangeiros constituíam 18% da população do Estado de São Paulo e 36% da população da capital. Se as crianças brasileiras filhas de estrangeiros pudessem ser identificadas, ao invés de estarem absorvidas dentro da categoria de brasileiros natos, é provável que os estrangeiros, somados a essa primeira geração de brasileiros, constituíssem uma percentagem duas vezes maior que a anterior. Isso ressalta ainda mais a predominância do impacto urbano resultante da migração estrangeira para o Estado e capital que eram os centros do crescimento econômico moderno do Brasil nessa época.

7. Florestan Fernandes, *The Negro in Brazilian Society*, Columbia University Press, 1969, p. 11.

8. *Ibid*

TABELA 13

**DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESTRANGEIRA COMO
PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO TOTAL PARA
ESTADOS E CIDADES SELECIONADAS DO BRASIL
E ESTADOS UNIDOS: 1920**
%

Estados Unidos		Brasil	
New York	27	São Paulo (Estado)	18
New Jersey	24	São Paulo (cidade)	36
Pennsylvania	16	Rio de Janeiro (Estado)	3
Illinois	28	Rio de Janeiro (cidade)	21
Minnesota	19	Rio Grande do Sul	7
California	20	Porto Alegre	11
Estados Unidos	14	Brasil	5

Fonte: **Recenseamento Geral do Brasil 1920**, Vol. 4, (4.^a parte); E.P. Hutchinson, **Immigrants and their Children, 1850-1950**, Wiley Press, 1956, p. 27.

Também é interessante notar na tabela 13 que, se a participação relativa dos estrangeiros na população dos Estados Unidos era quase três vezes maior do que no Brasil (14% contra 5%), a distribuição desses estrangeiros e seus descendentes era bem mais concentrada no Brasil. São Paulo e Rio de Janeiro possuíam percentagens comparáveis com a dos Estados americanos de maior participação relativa de estrangeiros. Portanto, está claro que a imigração estrangeira, com as transferências de forças de trabalho, capital e experiência (como veremos logo), associadas a ela, foi provavelmente de importância relativa igual para o Brasil como para os Estados Unidos, apesar dos menores números de imigrantes (tabela 1), e da menor participação relativa no país inteiro. (tabela 13)

Em suma, a alta taxa de crescimento urbano por volta da mudança do século foi, em grande parte, devido à imigração estrangeira. Por sua vez, esse crescimento teve um papel fundamental em criar um mercado urbano suficientemente alto, com hábitos de consumo europeus, para estimular o desenvolvimento de indústrias de substituição de importação, tais como a de alimentação, bebidas e têxtil. Utilizando os dados básicos de Stein sobre a indústria têxtil, Fishlow mostra claramente um crescimento da produção local de tecidos

durante meados e fins da década de 1890, época de grande imigração e rápido crescimento urbano. Ele também salienta uma segunda e sucessiva fase de rápido crescimento nessa indústria no período 1908-1913, que foi a época associada com o segundo importante movimento de grande imigração para o Brasil⁽⁹⁾. Finalmente, como nós observamos na tabela 12, o recente trabalho de Villela, mostra que houve nesse mesmo período (1905-13), um brusco aumento nos índices de formação de capital industrial, o que tende a confirmar, portanto, que nessa época aconteceu realmente, a primeira onda generalizada de crescimento industrial sustentado no Brasil⁽¹⁰⁾. É interessante notar que os ritmos dessas duas épocas iniciais de crescimento industrial estavam diretamente associados às duas primeiras ondas de imigração bruta para o Brasil e ao primeiro grande crescimento urbano em São Paulo, sendo que ambos esses movimentos foram ingredientes essenciais para criar o tamanho de mercado necessário para estimular as economias de escala na etapa inicial do crescimento industrial.

O rápido crescimento, nessa época, da renda total gerada pela expansão do setor cafeeiro, que teve um papel-chave no processo de multiplicação da crescente procura doméstica por produtos manufaturados nacionais, estava obviamente associado ao crescimento urbano. Com a evidência do desenvolvimento do mercado de formação de capital entre 1905 e 1913, é claro que essa expansão da atividade econômica tornou-se bem mais generalizada, cabendo aos imigrantes e seus descendentes, um significativo papel como agentes catalisadores da expansão de mercado nas áreas urbanas e rurais de São Paulo.

9. Albert Fishlow, "Origins and Consequences of Import Substitution in Brazil," in Luis Di Marco (editor) *International Economics and Development: Essays in Honor of Raul Prebisch*, Academic Press, N.Y. 1972, p. 512-520.

10. Anibal Villela, "Surto Industrial Durante a Guerra de 1914-1918," em *Ensaio Econômico: Homenagem a Octávio Gouvêa de Bulhões*, APEC Rio de Janeiro, p. 47. Para um análise mais detalhada das relações entre a política econômica e o crescimento econômico durante esse período, ver Anibal Villela, e Wilson Suzigan, *Política Governamental e Crescimento da Economia Brasileira, 1889-1945*, INPES/IPEA, Rio de Janeiro (a ser publicado), e Carlos Manuel Pelaez, *História da Industrialização Brasileira*, APEC, Rio de Janeiro, 1972. Para valiosas informações adicionais e uma visão histórica do processo do crescimento industrial nesse período, ver Warren Dean, *The Industrialization of São Paulo 1890-1940*, University of Texas Press, 1969.

TABELA 14

**IMIGRANTES QUE ENTRARAM EM SÃO PAULO
COM SUBSÍDIOS, POR INTERVALO DE CINCO ANOS
1889 - 1928**

ANO	Número Total	Número de Subsidiados	% do Número Subsidiados
1889-1893	298.727	281.180	94
1894-1898	433.625	321.046	74
1899-1903	184.346	96.912	53
1904-1908	195.903	71.200	36
1909-1913	366.847	146.117	40
1914-1918	131.524	47.942	36
1919-1923	204.419	51.317	25
1924-1928	426.349	126.770	29

Fonte: **Boletim da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração**, n.º 1, (Outubro 1937).

Finalmente, é provável que considerável parte do crescimento da imigração entre 1904 e 1913 tenha sido absorvida pelas atividades urbanas e industriais, em lugar de ocupações agrícolas. A tabela 14 mostra que, de 1889 a 1903, a grande maioria dos imigrantes que chegou a São Paulo recebeu subsídios, que eram gastos governamentais reservados exclusivamente para a imigração dirigida para esquemas de colonização agrícola ou para trabalhos nas fazendas de café. No entanto, depois de 1904, durante a segunda onda de imigração para o Brasil, apenas 35% a 40% dos imigrantes estrangeiros chegados a São Paulo receberam subsídios. Portanto, a maioria desse crescente número de pessoas se instalava e achava emprego diretamente nas áreas urbanas, o que constituía uma marcante diferença das práticas do passado, e uma óbvia ajuda para o crescimento da população urbana e para o desenvolvimento econômico.

Deixando de lado a parte da procura (as considerações sobre consumo e tamanho de mercado) e passando para a parte da oferta, no processo de desenvolvimento, é evidente que a migração estrangeira deu uma contribuição para a elevação do nível de estoque de capital humano associado à força de trabalho do Brasil. Primeiramente, na substituição do trabalho escravo nas fazendas de café e, depois, na indústria e no comércio urbano, a diferença de habilidade em favor

dos migrantes estrangeiros elevou consideravelmente mais a produtividade da economia brasileira do que seria possível se apenas trabalhadores nativos fossem empregados. Em outras palavras, a introdução de imigrantes europeus permitiu um aumento proporcionalmente maior no estoque de capital humano nessa época do que seria possível ser alcançado através de um crescimento equivalente da população nativa.

Um índice geral sugerindo essa conclusão pode ser visto na tabela 15, que mostra taxas de alfabetização bem maiores para os estrangeiros do que para os brasileiros, um resultado contrário do que foi característico da experiência norte-americana. O censo de 1920 indica que 52% dos estrangeiros que moravam no Brasil eram considerados alfabetizados, enquanto para a população nativa, essa taxa era de apenas 23%. Essa grande diferença também era válida para pessoas com 15 anos ou menos, o que sugere que as crianças estrangeiras filhas de pais estrangeiros estavam preparadas para se tornarem membros mais produtivos da força de trabalho do que as brasileiras filhas de pais brasileiros. Essas diferenças de alfabetização constituíam certamente um fenômeno generalizado em todos os Estados e cidades que possuíam um número significativo de imigrantes (tabela 15). Além disso, deve-se salientar que as taxas relativas mais altas observadas para os brasileiros natos em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo estão influenciados pelo peso de crianças brasileiras filhas de pais estrangeiros o que realça, ainda mais, o papel do imigrante no melhoramento da taxa de alfabetização do Brasil nessa época.

Passando agora para as diferenças entre as ocupações da população estrangeira e nativa, o sumário de Fernandes sobre a detalhada tabela de ocupações contida no relatório de Toledo Piza sobre a cidade de São Paulo em 1894 indica que 30% dos “capitalistas” e 30% dos proprietários eram estrangeiros. Enquanto os imigrantes eram uma minoria em algumas profissões como advocacia, chegavam a constituir cerca da metade ou mais dos arquitetos, agrimensores, engenheiros e professores. E, referindo-se ao “pessoal das indústrias,” Fernandes cita que o imigrante “é o fator humano por excelência do trabalho livre e assalariado”⁽¹¹⁾. Os estrangeiros compreen-

11. Florestan Fernandes, *op.cit.*, p. 11.

TABELA 15

**ÍNDICES DE ALFABETIZAÇÃO PARA A POPULAÇÃO NATIVA E ESTRANGEIRA EM ESTADOS
E CIDADES SELECIONADOS DO BRASIL: 1920**

	Brasileiros Natos		Estrangeiros	
	Pop. Alfabetizada Pop. Total %	Pop. Alfabetizada 0-15 Pop. Total 0-15 %	Pop. Alfabetizada Pop. Total %	Pop. Alfabetizada 0-15 Pop. Total 0-15 %
Estados				
São Paulo	27	14	44	23
Santa Catarina	28	14	64	60
Rio Grande do Sul	37	17	60	32
Rio de Janeiro	24	10	55	42
Cidades				
Rio de Janeiro	59	33	68	54
São Paulo	57	33	61	46
Florianópolis	40	24	84	86
Porto Alegre	56	29	78	56
Brasil	23	10	52	30

Fonte: Derivados de dados do Recenseamento do Brasil, 1920, Vol. IV, (4.^a parte)

N.T. Nessa tabela, as pessoas nascidas no exterior e naturalizadas brasileiras estão incluídas entre os estrangeiros.

diam cerca de 72% das pessoas ocupadas em atividades comerciais, segundo o relatório de Toledo Piza, e no total compunham 71% dos trabalhadores na cidade de São Paulo em 1894⁽¹²⁾. Mesmo admitindo que São Paulo ainda era um centro urbano relativamente pequeno nessa época, essas percentagens nos dão, entretanto, visíveis sinais do papel que o estrangeiro viria a ter no rápido crescimento das atividades industriais da cidade. Num levantamento especial conduzido na cidade do Rio de Janeiro em 1907, cobrindo aproximadamente metade dos estabelecimentos industriais locais, verificou-se que os estrangeiros compunham 26% da força de trabalho. Essa proporção era menor que a de São Paulo, mas ainda era bem considerável, levando-se em conta que o Rio de Janeiro não era um centro tão importante de imigração nessa época como a capital paulista⁽¹³⁾.

O crescente papel do imigrante nos setores industriais em expansão é evidente se considerarmos que, em 1900, menos de 5% do total da força de trabalho industrial era composta de estrangeiros (obviamente a cidade de São Paulo somente possuía uma pequena parcela do total da força de trabalho nessa época). Por volta de 1920, essa percentagem cresceu mais de três vezes, para 17%, o que se salienta ainda mais é como o estrangeiro aumentou a predominância dos principais centros industriais, causando o crescimento industrial inicial do país nessa época. A tabela 16 indica que, em 1920, mais de 35% e 51% do total das forças de trabalho industriais das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente, eram compostas de trabalhadores estrangeiros. Essas percentagens são ainda maiores nos importantes setores de comércio e bancos, onde mais de 62% e 59% do total da força de trabalho nesses dois campos, em conjunto, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, eram estrangeiros. Estes, provavelmente predominavam mais no setor de comércio do que nos bancos. Finalmente, deve ser lembrado que essas percentagens se referem unicamente às pessoas nascidas no exterior. Se os filhos dos imigrantes estrangeiros também fossem incluídos, as percentagens seriam ainda maiores.

Deve-se salientar, novamente, que a participação do trabalhador estrangeiro teve um forte impacto tanto qualitativo

12. *Ibid.*

13. Anibal Villela, et.al., *Aspectos do Crescimento...* op.cit., p. 175-176.

TABELA 16

PARTICIPAÇÃO DO ESTRANGEIRO NA MÃO-DE-OBRA DO SETOR INDUSTRIAL E DE SERVIÇOS PARA O BRASIL, DISTRITO FEDERAL (CIDADE O RIO DE JANEIRO) SÃO PAULO — 1920

	Número de estrangeiros empregados	% de estrangeiros sobre o total da força de trabalho industrial	% de estrangeiros na força de trabalho industrial sobre o total de estrangeiros	% de estrangeiros no comércio e bancos sobre o total da força de trabalho desse setor	% de estrangeiros no comércio e bancos sobre o total de estrangeiros	% de estrangeiros sobre a população total
Distrito Federal	155,691	35,4	35,4	45,3	30,8	20,7
Cidade de São Paulo	100,821	51,5	52,3	62,5	19,0	35,4
Estado de São Paulo	421,703	39,8	23,2	52,4	10,9	18,1
Brasil	867,067	16,6	24,2	29,6	17,0	5,2

Fonte: Recenseamento do Brasil 1920. Vol. IV 5.^a parte, Tomo I
Rio de Janeiro, 1930, pp. XII, XIII, 26-7, 86-7, 72-3.

como quantitativo. Muitos dos cargos técnicos e de controle nas indústrias dessa época eram exercidos por estrangeiros ⁽¹⁴⁾. Além disso, a alta percentagem acima mencionada de estrangeiros na área de comércio e, em menor extensão, nos bancos, mostra que esse grupo estava em condições de gerar suficiente poupança para desempenhar importantes funções empresariais na sociedade brasileira da época. Em apoio a essa idéia está o fato de que 64% de todas as firmas individuais (então a mais comum forma de propriedade) nas indústrias do Estado de São Paulo, de acordo com o censo de 1920, eram possuídas por estrangeiros, sendo 75% desse total, formado por imigrantes italianos ⁽¹⁵⁾.

Finalmente, deve ser sublinhado que o centro do crescimento industrial brasileiro da época era São Paulo, precisamente a área onde o imigrante se tornava a principal força demográfica nas alterações dos hábitos de consumo, tamanho de mercado, e proporções de capital humano. No começo da década de 1890, São Paulo era apenas responsável por uma insignificante parcela da produção e emprego industrial, comparado com o Rio de Janeiro e outros centros dessa área. No entanto, em 1907, a tabela 17 mostra que o Estado de São Paulo já contava com aproximadamente 16% do total da produção assim como dos empregados das indústrias brasileiras. Em 1920, essas percentagens cresceram respectivamente para 33% e 30%, o que sugere uma importante associação entre a imigração estrangeira em grande escala, e um notável aumento do desenvolvimento industrial nesse Estado durante os primeiros anos do século.

Antes de concluir esta seção, torna-se relevante discutir a terceira via pela qual o imigrante estrangeiro pode ter contribuído para o desenvolvimento do país. Essa é a área dos recursos de poupança. A questão aqui relevante é saber até

14. Veja Warren Dean, *The Industrialization...* op.cit., cap. IV.

15. *Recenseamento Geral do Brasil, 1920, Vol. V, (1.^a parte) — Indústria*, p. LXI; dessa mesma fonte, Camargo também obtém que cerca de 75% do capital industrial registrado em São Paulo eram de firmas possuídas por estrangeiros. A despeito dos problemas associados com dados de capital não deflacionado, a percentagem ainda é útil como um indicador aproximado do papel predominante do estrangeiro na indústria paulista em 1920. Ver José Francisco de Camargo, *Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus Aspectos Econômicos*, Vol. I, Universidade de São Paulo, Boletim n.º 133, São Paulo, 1952, p. 258.

TABELA 17
DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
E DO EMPREGO N O BRASIL, 1907-1919

Estados	1907		1919	
	Valor da Prod. %	Emprego %	Valor da Prod. %	Emprego %
Distrito Federal	30,3	23,4	22,4	20,3
São Paulo	15,9	16,0	33,1	30,6
Rio Grande do Sul	13,5	10,1	11,8	9,0
Rio de Janeiro	7,5	8,9	6,1	6,1
Pernambuco	7,4	7,8	4,6	5,7
Outros	25,4	33,8	22,0	28,3
	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Censo Industrial do Brasil — 1907, Vol. III, Rio de Janeiro 1909, pag. 265 e pag. 148; e Recenseamento do Brasil de 1920, Vol. V Indústria, Rio de Janeiro, 1927. Reproduzido em Anibal Vilela e outros. Aspectos do Crescimento da Economia Brasileira 1889-1969, Vol. I, FGV, Rio de Janeiro, 1971, pag. 168.

que ponto a chegada dos imigrantes permitiu uma maior adição líquida de poupança e investimento no Brasil do que seria possível sem a participação desses elementos na economia. Com respeito à possível contribuição dos imigrantes nessa área, devemos considerar os seguintes pontos:

1) até que ponto sua contribuição como uma importante e disciplinada força de trabalho agrícola nas fazendas de café permitiu um maior aumento nas vendas de café, nos lucros e nos ganhos de divisas (muitas das quais usadas para financiar a importação de bens de capital necessários para o desenvolvimento industrial) do que seria possível com o uso exclusivo da força de trabalho local, formada de antigos escravos e brancos;

2) até que ponto ele pode ter contribuído para o aumento da produção de gêneros alimentícios locais (milho, feijão, etc.) ao explorar seu "status" de colono nas fazendas de café (e portanto diminuindo a importação desses itens), mais do que seria possível com o recrutamento isolado da força de trabalho local;

3) até que ponto sua participação quantitativa e qualitativa na força de trabalho industrial nas áreas urbanas gerou um maior aumento na produção e formação de capital nessas atividades, do que seria possível com o recrutamento exclusivo da força de trabalho industrial local;

4) até que ponto ele pode ter contribuído, como agente de consumo e de poupança, para um maior aumento do mercado de produtos industrializados e da oferta de poupanças individuais do que seria possível exclusivamente através de trabalhadores nacionais;

5) até que ponto ele pode ter diminuído o custo social da corrente e futura carga dos menores de idade dependentes, ao introduzir taxas de nascimento mais baixas (e crianças melhor alfabetizadas no exterior) do que as que prevaleceriam se o país contasse somente com um crescimento equivalente da força de trabalho local para satisfazer a procura por trabalho para suas atividades agrícolas e industriais;

6) até que ponto a sua participação na força de trabalho do Brasil pode ter criado maiores economias externas através da introdução de um sistema de valores mais moderno e economicamente orientado, inculcando e disseminando

mais produtivos hábitos de consumo, de trabalho, e de poupança, do que seria provável sem sua presença e participação na economia.

Contra esses possíveis benefícios sociais, teríamos que descontar as seguintes duas áreas de custos diretos:

1) o custos totais dos subsídios governamentais e do setor privado (fazendeiros) para financiar o transporte e fixação dos imigrantes como colonos nas fazendas de café;

2) a saída de capital através das remessas de valores dos imigrantes para suas terras de origem.

Infelizmente, não existem dados suficientes para responder essas questões de um modo definitivo. No entanto, a evidência indireta apresentada anteriormente sugere que a contribuição sócio-econômica dos imigrantes foi considerável. Primeiro, ao abaixar os custos com o fator trabalho no setor cafeeiro, portanto, contribuindo para o rápido aumento dos lucros e ganhos de divisas nesse setor, foram criados os meios para permitir a crescente importação de matéria-prima e bens de capital necessários para o desenvolvimento industrial anterior à Primeira Guerra Mundial. Villela e Suzigan mostraram que, de 1901-02 a 1912-13, houve uma marcante queda na participação relativa das importações de bens de consumo não duráveis pelo Brasil (de 37% para 20% do total importado) e um brusco aumento na participação relativa das importações de bens de capital (de 6% para 16%), e que testa o fato de que esse ganho de divisas foi um instrumento na promoção da industrialização inicial ⁽¹⁶⁾.

Em segundo lugar, ao promover diretamente a urbanização, o aumento dos mercados urbanos, e uma força de trabalho industrial disciplinada, os imigrantes tiveram um papel fundamental na criação de condições necessárias para o aproveitamento dos ganhos de divisas no desenvolvimento industrial. Certamente, parece provável que esse impacto macroeconômico combinado tenha gerado um nível de poupança local e de investimento que superou facilmente o contínuo escoamento associado aos custos diretos dos subsídios aos imigrantes e às remessas de valores. Esse nível de poupança e investimento também foi bem maior do que o que poderia ser

16. Villela e Suzigan, *op.cit.*, Apêndice Estatístico, tabela XXII.

alcançado através de um uso exclusivo de mão-de-obra local, bem menos qualificada, que também tinha uma mentalidade orientada para uma subsistência pouco prometedora, imposta a ela pela história agrária brasileira.

Um terceiro fator é que as taxas de natalidade que passaram a existir nos centros de imigração, como o Rio de Janeiro e São Paulo (onde elas vieram a flutuar entre 32 e 36 por 1000, contra taxas superiores a 40 e 45 em outras regiões do país), sugerem claramente um declínio na carga de consumo associada com a educação e sustento de crianças com 15 anos de idade ou menos, ao criar uma menor carga de dependência demográfica do que teria havido no caso de um crescimento equivalente da população nativa⁽¹⁷⁾. Finalmente, ainda há a lembrar que o Brasil, por ter recebido imigrantes já educados e treinados (ao custo de outros países), obteve uma poupança imediata. Em suma, existe uma forte evidência de que a migração estrangeira prestou contribuições substanciais às etapas iniciais do crescimento econômico brasileiro, através de seu positivo impacto sobre as economias de escala, diferenças de captabilidade e recursos de poupança.

V

Nas seções anteriores desse artigo, já se evidenciou, através a análise convencional de benefícios e custos, que o impacto macroeconômico da imigração estrangeira prestou contribuições essenciais às etapas iniciais do desenvolvimento econômico brasileiro. No entanto, essa visão do problema ainda é incompleta. Para completar o cenário, devemos considerar não apenas os ganhos de bem-estar global que coube ao Brasil através desse processo, mas também a diferença dos impactos dos benefícios e das perdas associadas a esse grande fluxo de imigrantes e as implicações a longo prazo da distribuição desses efeitos.

17. Para uma tentativa interessante de medir a significância quantitativa dessa forma de recursos de poupança nos Estados Unidos, ver Larry Neal e Paul Uselding, "Immigration, A Neglected Source of American Economic Growth", *Oxford Economic Papers*, Vol. 24, n.º 1 (Março de 1972). Mesmo se nós dizemos que foi a urbanização e não a migração que trouxe taxas de natalidade, o papel preponderante dos migrantes estrangeiros em estimular a urbanização implica no mesmo.

Num estudo anterior, desse autor com Sergio Buarque de Hollanda Filho, verificou-se que, durante o período 1890-1930, a migração interna dos brasileiros natos foi mínima, com exceção de migrantes nordestinos para as áreas de borracha no Amazonas⁽¹⁸⁾. Assim, por exemplo utilizando-se o método “forward census survival ratio”, estabeleceu-se uma estimativa de um fluxo líquido de 412.297 imigrantes estrangeiros para o Estado de São Paulo, durante a década de 1890, em contraste com uma correspondente estimativa de 70.292 brasileiros natos para o Estado⁽¹⁹⁾. Durante o período 1900-1920, estimou-se uma entrada líquida de 374.250 imigrantes estrangeiros para o Estado, em contraste com uma migração líquida para fora do Estado de 19.933 brasileiros natos⁽²⁰⁾. Portanto, temos um fenômeno peculiar de uma alta taxa de crescimento demográfico no Estado de São Paulo devido quase exclusivamente a fontes de mão-de-obra estrangeira, apesar da existência de uma reserva de brasileiros natos subempregados presumivelmente disponíveis na estagnante, mas populosa área nordestina, e, também no Sul, composta de antigos escravos recentemente libertados.

Como foi analisado nesse trabalho anterior, houve uma série de razões para explicar as dificuldades e os custos de recrutar mão-de-obra local para o trabalho nas fazendas de café no fim do século; a prevenção dos fazendeiros contra o trabalho nativo, e especialmente contra os antigos escravos; a dificuldade e a falta de interesse dos antigos escravos para adaptar-se a um relacionamento capitalista de trabalho nas fazendas de café; a dificuldade de atrair trabalhadores livres da agricultura de subsistência para fazerem “trabalho de escravos” nas fazendas de café ganhando o salário corrente; a dificuldade de transportar um grande número de trabalhadores assalariados do Nordeste para o Sul, devido ao inadequado sistema de transporte inter-regional e à resistência política dos fazendeiros de açúcar e políticos nordestinos contra a transferência em grande escala de mão-de-obra para

18. Douglas H. Graham e Sergio Buarque de Hollanda Filho, **Migration Regional and Urban Growth and Development in Brazil: Selective Analysis of the Historical Record, 1872-1970**, Vol. 1, Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, 1971, (Cap. III).

19. *Ibid*, p. 106

20. *Ibid*, p. 106

fora da região e, finalmente, devido à decisão do governo de subsidiar a imigração europeia, facilitado pelo fato do custo de transporte marítimo intercontinental haver declinado consideravelmente. Finalmente, agindo como um forte estímulo do começo ao fim, havia o ponto de vista bastante aceito de que os agricultores europeus seriam superiores aos locais, e, portanto, se qualquer subsídio governamental fosse gasto na aquisição de força de trabalho, este seria melhor utilizado com os italianos disponíveis do que com os nordestinos, menos qualificados⁽²¹⁾

O resultado líquido do que foi dito é que a maior parte das fontes de trabalho local não foram usadas ou desenvolvidas para resolver o problema de escassez de mão-de-obra nas fazendas cafeeiras de São Paulo. Além disso, uma vez que os imigrantes estrangeiros tivessem se estabelecido, seria ainda menos provável que os fluxos locais ou inter-regionais de imigrantes internos se movessem para essas áreas, pois a concorrência seria mais severa e o ambiente contrário a eles. Isso teve, sem dúvida, um papel em motivar o fluxo de migrantes internos, previamente mencionado, para fora de São Paulo entre 1900 e 1920. Apenas na década de 1930, depois da depressão ter induzido o declínio da migração estrangeira, é que a migração interna de brasileiros natos, vindos do Este e Nordeste, começou a exercer um papel mais significativo na satisfação da procura de mão-de-obra no Sul. A esse respeito, o modelo brasileiro não foi muito diferente do americano onde, após a Guerra Civil, os negros libertados e os parceiros brancos pobres na região sul dos Estados Unidos eram desprezados em suas terras de origem e começaram a partir para o norte apenas durante e após a Primeira Guerra Mundial, quando as ondas de migração estrangeira diminuíram.

Como consequência, um ponto de vista pode dizer que a migração estrangeira maciça para o Brasil acelerou a “**marginalização de ex-escravos**,” que geralmente caíram para posições cada vez mais baixas de subemprego doméstico urbano ou rural⁽²²⁾. Ao mesmo tempo, este raciocínio sugeria que a imigração estrangeira também contribuiu para o **aumento**

21. Ibid, p. 46-53

22. Ver Florestan Fernandes, *op.cit.*, Cap. I.

das disparidades regionais entre o estagnado Nordeste e o Sul, que rapidamente se desenvolvia, ao remover o estímulo aos fazendeiros de café em utilizar o estoque de trabalhadores rurais e urbanos subempregados no Este e Nordeste. Se essa fonte de força de trabalho “local” tivesse sido utilizada mais extensivamente isso poderia ter tirado, de um modo concebível, muito do peso morto da mão-de-obra subempregada do setor agrícola tradicional do Nordeste, aumentando os salários dos que lá permaneceram, e estimulando a introdução de técnicos poupadores de trabalho nesse setor ⁽²³⁾. Independentemente de se esse movimento teria ou não conseguido promover qualquer mudança significativa nas funções de produção do Nordeste, a mera transferência de um número significativo de migrantes nordestinos para o Sul poderia ter diminuído as diferenças inter-regionais de renda, daí promovendo uma distribuição entre regiões mais equitativa.

Se seguirmos esse argumento, concluiríamos que a grande massa da migração intercontinental européia para países como os Estados Unidos e Brasil implicou numa transferência de subemprego da Europa para o Novo Mundo. Se não tivesse havido migração para fora da Europa, certamente a estrutura de emprego dos países europeus teria sido diferente do que realmente foi. Especificamente, teria havido um grande aumento no papel relativo do trabalhador no setor de serviços da Europa e um correspondente declínio na absorção de mão-de-obra no setor secundário. Como resultado, teria havido um aumento no subemprego urbano (ou desemprego disfarçado), do modo que esses termos são entendidos nos países subdesenvolvidos hoje em dia.

Ao dizermos, no entanto, que a migração intercontinental “transferiu” subemprego do Velho para o Novo Mundo no final do século passado, devemos tomar cuidado para não

23. Leff argumenta que isso tanto possível como provável. Ver Leff, *ap.cit.*. No entanto, é altamente questionável se essas “respostas” teriam ocorrido como é sugerido, dado o atraso e a característica rígida das instituições políticas e sociais no Nordeste Brasileiro, bem como a falta de atividades alternativas economicamente viáveis para a região como essas restrições institucionais. Para uma interpretação recente das origens das disparidades regionais no Brasil, ver seu artigo “Development and Regional Inequality in Brazil,” *Quarterly Journal of Economics*, Vol. LXXXVI, n.º 2, (Maio 1972) e também uma crítica do argumento de Leff feita por David Denslow neste número.

deduzir que isso se refere aos próprios migrantes europeus. Ao contrário, como esse artigo deixou claro, o “status” deles melhorou rapidamente e, **no agregado**, certamente não caíram no subemprego de países como o Brasil. Entretanto, esta linha de pensamento pode concluir que esse grande fluxo de imigrantes impediu a possibilidade que a migração interna de brasileiros natos fosse usada para desempenhar o papel de fornecedores da fonte primária de mão-de-obra para desenvolver os modernos setores agrícolas e industriais da economia. Finalmente, pode-se concluir que a oferta de mão-de-obra estrangeira barata solidificou o poder econômico dos latifúndios de café no fim do século e, portanto, agravou a desigualdade da distribuição da terra e riqueza na economia paulista ⁽²⁴⁾.

Portanto, o rápido crescimento econômico do Brasil, baseado na força de trabalho importada por volta do virar do século, pode ter acontecido a um custo de crescentes disparidades regionais, de uma pior distribuição de renda entre a população “não elite” de brasileiros natos e a população estrangeira, e de crescentes índices de subemprego rural entre os nativos do país nos setores tradicionais da economia. Caso isto for verdade, então talvez foi um custo que valeu a pena ser pago, para garantir uma maior taxa de crescimento do produto total e “per capita” e um povoamento mais rápido e extensivo do país do que teria ocorrido de outra maneira. Porém, um argumento contrário, é também plausível. Isto é, a entrada de uma força de trabalho estrangeira, treinada e com capacidades empresariais, propensa a uma poupança alta e um consumo baixo, introduziu um padrão de comportamento em uma classe média incipiente para a dinâmica do crescimento brasileiro. Apesar das disparidades regionais terem sido agravadas, a migração estrangeira poderia ter diminuído as disparidades sócio-econômicas no Sul, através da promoção da industrialização e urbanização dentro de uma sociedade que antes era subdesenvolvida, escravista e oligárquica. No entanto, necessitaríamos de mais dados sócio-econômicos e institucionais para discutirmos esta controvérsia com resultados satisfatórios.

24. Sobre esse aspecto, ver Michael M. Hall “The Origins of Mass Immigration in Brazil 1871-1914,” tese de doutoramento não publicada, Columbia University 1969, p. 180-1.

As especulações acima levantadas, levam a questão de como o Brasil poderia ter-se desenvolvido na ausência de uma oferta de mão-de-obra estrangeira durante este período. É provável que com a ausência de uma abundante oferta, da razoavelmente produtiva e barata mão-de-obra européia, o crescimento do setor cafeeiro teria sido bem menos rápido, as margens de lucro e ganhos de divisas mais limitadas, e as possibilidades de formação de capital e de um início de crescimento industrial no começo do século, bem menores.

Porém, se o excesso de mão-de-obra nordestina tivesse sido desviado para o Sul, o desenvolvimento da borracha na região Norte teria sido bem mais lento, ou talvez eliminado. O Brasil, na época, não possuía uma fonte nacional de mão-de-obra que pudesse desenvolver as duas culturas simultaneamente. Mas a perda associada com a diminuição da produção da borracha, talvez não fosse realmente tão alta, considerando-se o elevado custo humano desse desenvolvimento. Mesmo assim, qualquer julgamento dessa natureza, deve considerar que o Brasil teria perdido uma importante fonte de divisas no período, pois em certos anos, a borracha constituiu 30 e 40% de todas as divisas em moeda estrangeira, entre 1898 e 1914, e em geral sempre contribuiu com mais de 20 por cento ⁽²⁵⁾. O impacto negativo do declínio dessa fonte de divisas na importação de bens de capital para a industrialização da época, não teria sido insignificante.

Finalmente, quais foram as possibilidades para o governo tomar medidas positivas que garantissem a mesma taxa de crescimento na ausência de mão-de-obra estrangeira? Teria sido realmente difícil que a fraca e descentralizada república federal da década de 1890 pudesse reunir suficiente força política, visão nacionalista e capacidade administrativa e empresarial no setor público para compensar a falta de imigrantes estrangeiros para desenvolver o moderno setor cafeeiro e promover o início da industrialização. Seria necessário um sistema de transporte inter-regional extensivo e dispendioso, e um sistema de treinamento mais instrutivo ou, pelo menos, vocacional, para preparar uma força de trabalho industrial embrionária da fonte local de mão-de-obra. Tudo isso exigiria

25. Roberto Araújo Oliveira Santos, "Contribuição à História da Borracha no Brasil: O Pará até a I Grande Guerra," (mimeo), São Paulo 1972, p. 55-57.

um grande aumento na taxaço de impostos, um maior poder administrativo e político do Estado, e uma mudança na balança das forças políticas e econômicas do país. Dada a fraqueza política e as limitações administrativas dos sucessivos regimes republicanos, seria demais esperar que a mera falta de uma oferta internacional de mão-de-obra pudesse estimular essa resposta institucional positiva que promovesse uma política mais diretamente nacionalista e de integração e reforma estrutural. O resultado mais provável teria sido menos crescimento e muito menos industrialização na época.

Dadas as limitações inerentes no contexto histórico da época a imigração internacional forneceu um conveniente e vital fator de produção que faltava nas etapas iniciais do crescimento econômico do Brasil. No entanto, ao afirmarmos isso, não devemos esquecer que também houve um impacto sobre as diferenças regionais e sócio-econômicas, oriundo dessa grande transferência de trabalhadores para o Brasil, e que talvez através de seus efeitos restritivos, sobre a migração interna, houve os que perderam bem como os que ganharam com as mudanças gerais no bem-estar associado com essa distribuição internacional da população.